

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC DIJALMA TEIXEIRA DE CARVALHO NETO

A CRISE RUSSO-UCRANIANA E AS FORÇAS DE SUPERFÍCIE DA ORGANIZAÇÃO DO

TRATADO DO ATLÂNTICO NORTE NO MAR NEGRO:

sua contribuição para o conflito armado iniciado em 2022, à luz da Teoria da

Diplomacia Naval, de Geoffrey Till

Rio de Janeiro

2022

CC DIJALMA TEIXEIRA DE CARVALHO NETO

A CRISE RUSSO-UCRANIANA E AS FORÇAS DE SUPERFÍCIE DA ORGANIZAÇÃO DO
TRATADO DO ATLÂNTICO NORTE NO MAR NEGRO:
sua contribuição para o conflito armado iniciado em 2022, à luz da Teoria da
Diplomacia Naval, de Geoffrey Till

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF Carlos Augusto de Lima

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2022

AGRADECIMENTOS

Às minhas amadas, esposa Tuany e filha Marina, por todo o amor, dedicação e carinho, por terem convivido comigo por todo esse período e serem o motivo maior da minha felicidade.

A meus pais, pela minha educação e meu caráter, forjados em sólidas diretrizes e disciplina.

À Marinha do Brasil, pela oportunidade que me concede de realizar o C-EMOS na Escola de Guerra Naval, instituição de reconhecida qualidade.

A meu orientador, Capitão de Fragata Carlos Augusto de Lima, por me apoiar na escolha de fontes de pesquisa e pelo tempo que dedicou a me orientar.

A Deus, pelo dom da vida e pela saúde que me proporciona a enfrentar os desafios de cada dia.

RESUMO

A crise vivenciada entre a Federação Russa e a Ucrânia, após sua independência, teve a influência direta dos Estados ocidentais. Por meio da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), a influência do Ocidente ganhava força nos Estados do leste Europeu, porém enfrentava a resistência da Federação Russa, gerando crise e instabilidade na região. A OTAN ofereceu garantias aos russos de que não fosse expandir-se. Entretanto, ao longo de mais de trinta anos, angariou quatorze novos membros, em cinco ondas de expansão, desde o final da Guerra Fria. Foram realizados convites oficiais de adesão aos Estados da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, entre eles, a Ucrânia. Contudo, a instabilidade interna ucraniana e uma revolta armada na região do Donbas mostravam que aquele Estado tinha a população dividida quanto à adesão à OTAN. Frente à escalada militar da Federação Russa, sobretudo após a anexação da Crimeia, a aliança reforçou militarmente a fronteira leste. Criou grupamentos de pronto emprego e aumentou a presença naval no mar Negro. A situação ficou mais tensa após a Federação Russa apresiar três navios da Marinha ucraniana no estreito de Kerch, em 2018. A escalada da crise trouxe para o teatro de operações do mar Negro uma série de incidentes e disputas pelo direito de liberdade de navegação e manobras de dissuasão e apoio à Ucrânia. As negociações por uma paz que atendesse ao interesse de russos e ucranianos não foi obtida e culminaram no início do conflito militar entre a Federação Russa e a Ucrânia, em fevereiro de 2022. Assim, o presente trabalho, por meio da comparação da teoria com a realidade, buscará confrontar a teoria da Diplomacia Naval, do Professor britânico Geoffrey Till, com as operações das forças de superfície no mar Negro, após o incidente no estreito de Kerch. O trabalho analisa os diferentes propósitos das missões de Diplomacia Naval teorizados pelo professor Till e busca identificar parâmetros comuns a seis operações navais de Estados da OTAN no mar Negro. O propósito do trabalho é responder se as forças navais de superfície da OTAN, naquele teatro de operações, contribuíram para potencializar a tensão e iniciar o conflito armado. A pesquisa mostra que os episódios tiveram uma crescente de convergência no espectro competitivo, em detrimento da cooperação. Assim, evidenciam que contribuíram para potencializar a crise. Contudo, o autor busca mostrar, dentro da teoria base, que a Diplomacia Naval é apenas uma parte de todo o contexto da diplomacia geral.

Palavras-chave: OTAN. Federação Russa. Ucrânia. Forças de Superfície. Crise. Diplomacia Naval.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Tendência das operações das forças de superfície da OTAN, à luz da teoria da Diplomacia Naval, de Geoffrey Till.....	72
Figura 2 –	Expansão da OTAN desde 1997.....	73
Figura 3 –	O espectro dos conflitos.....	74
Figura 4 –	Propósitos da Diplomacia Naval.....	75
Figura 5 –	População de etnia russa na Ucrânia (Dados do censo de 2001).....	76
Figura 6 –	A presença de navios de guerra da OTAN de Estados extra-mar Negro.....	77
Figura 7 –	Quantidade de dias no ano de operação dos navios de guerra da OTAN de Estados extra-mar Negro, de 2014 a 2021.....	78
Figura 8 –	Áreas marítimas interditas à navegação pela Federação Russa em julho de 2019.....	79
Figura 9 –	Áreas marítimas interditas pela FR e pela Ucrânia que se sobrepunham, em 21 de fevereiro de 2020.....	80
Figura 10 –	Áreas marítimas reservadas que foram utilizadas na Operação <i>Breeze/Sea Breeze</i> 2020.....	81
Figura 11 –	Mapa da navegação do HMS “Defender”, nas proximidades da Crimeia.....	82
Quadro 1 –	Cronologia de adesões de Estados membros da OTAN.....	83

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNUDM –	Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar
CRO –	Crisis Response Operations
DI –	Direito Internacional
DMD –	Doutrina Militar de Defesa
DMN –	Doutrina Militar Naval
EUA –	Estados Unidos da América
FNU –	Forças Navais da Ucrânia
FR –	Federação Russa
FSB –	Federal Security Service
HMS –	Her Majesty's Ship
MN –	Milha(s) náutica(s)
MT –	Mar territorial
NA5CRO –	Non-Article 5 Crisis Response Operations
NAAC –	North Atlantic Cooperation Council
NAC –	North Atlantic Council
NATO –	North Atlantic Treaty Organization
NRF –	NATO Response Force
NUC –	NATO-Ukraine Commission
ONU –	Organização das Nações Unidas
OTAN –	Organização do Tratado do Atlântico Norte
SNMCMG1 –	Standing NATO Mine Countermeasures Group One
SNMCMG2 –	Standing NATO Mine Countermeasures Group Two

SNMG1 –	Standing NATO Maritime Group 1
SNMG2 –	Standing NATO Maritime Group 2
UE –	União Europeia
URSS –	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
US –	United States
USS –	United States Ship
ZEE –	Zona Económica Exclusiva

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1	CONCEITO DE CRISE	13
2.2	A MANOBRA DE CRISE	15
2.3	O PODER NAVAL EMPREGADO NA MANOBRA DE CRISE	18
2.4	A DIPLOMACIA NAVAL, SEGUNDO GEOFFREY TILL	19
2.5	CONCLUSÕES PARCIAIS	22
3	ASPECTOS HISTÓRICOS E A FORÇA NAVAL DA OTAN NO MAR NEGRO	24
3.1	ASPECTOS HISTÓRICOS DAS RELAÇÕES ENTRE OS ATORES	24
3.1.1	Ex-URSS/Federação Russa, Ucrânia e OTAN: relações ao final da Guerra Fria	24
3.1.2	As ondas de expansão da OTAN	28
3.1.3	O incidente no estreito de Kerch	33
3.2	A ATUAÇÃO DAS FORÇAS DE SUPERFÍCIE DA OTAN NO MAR NEGRO	35
3.2.1	Operação <i>Sea Shield</i> 2019 (abril de 2019)	36
3.2.2	Operação <i>Breeze/Sea Breeze</i> 2019 (julho de 2019)	37
3.2.3	Operação do USS "Ross" no mar Negro (dezembro de 2019 e fevereiro de 2020)	38
3.2.4	Operação <i>Sea Breeze</i> 2020 (julho de 2020)	39
3.2.5	Movimentação do HMS "Defender" (junho de 2021)	40
3.2.6	Operação <i>Breeze/Sea Breeze</i> 2021 (julho de 2021)	41
3.3	A REAÇÃO DAS FORÇAS ARMADAS RUSSAS E A ESCALADA DA CRISE	42
3.3.1	O fim das negociações	43
3.4	CONCLUSÕES PARCIAIS	45
4	A CRISE RUSSO-UCRANIANA E A DIPLOMACIA NAVAL DA OTAN	46
4.1	RECONHECENDO OS ELEMENTOS DA CRISE RUSSO-UCRANIANA	46
4.2	AS MOVIMENTAÇÕES DAS FORÇAS DE SUPERFÍCIE E A DIPLOMACIA NAVAL	48
4.3	CONCLUSÕES PARCIAIS	51
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
	REFERÊNCIAS	55

GLOSSÁRIO	69
APÊNDICE A.....	72
ANEXO A	73
ANEXO B.....	74
ANEXO C.....	75
ANEXO D.....	76
ANEXO E.....	77
ANEXO F.....	78
ANEXO G.....	79
ANEXO H.....	80
ANEXO I.....	81
ANEXO J.....	82
ANEXO K - QUADROS.....	83

1 INTRODUÇÃO

As causas do conflito armado entre a Federação Russa (FR) e a Ucrânia, iniciado em 24 de fevereiro de 2022, não podem ser compreendidas sem a análise de aspectos históricos e políticos que envolvem o contexto entre os dois Estados e sem a participação de outros atores que influenciam diretamente essa contenda. A tentativa de buscar a raiz desse confronto colocará a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN)¹ como elemento central nesse tema.

A OTAN é uma aliança militar estabelecida em 1949, composta inicialmente por doze Estados e liderada pelos Estados Unidos da América (EUA)². Um dos propósitos da criação da coalizão era a defesa coletiva de seus membros contra um ataque armado externo. Foi estabelecida após a ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) ter anexado territórios de países do leste europeu, nos anos iniciais da Guerra Fria (1947-1991).

Como resposta à formação da OTAN, o bloco socialista, sob a liderança da ex-URSS, firmou o Pacto de Varsóvia (1955-1991), juntamente com mais seis repúblicas soviéticas³. O acordo perdurou até julho de 1991, quando a ex-URSS oficializou a extinção do Pacto de Varsóvia, a poucos meses do término da Guerra Fria, que ocorreu em dezembro daquele ano.

Com o esfacelamento da ex-URSS, o fim da polaridade do sistema internacional levou os líderes da FR⁴ a acreditarem que a OTAN teria o mesmo destino de sua coalizão antagônica. Entretanto, a aliança liderada pelos EUA não só permaneceu ativa, como se

¹ Sigla em inglês: NATO – *North Atlantic Treaty Organization*.

² A relação de Estados fundadores e dos demais membros que aderiram à OTAN encontram-se ilustradas na FIG. 2 (ANEXO A) e descritas no QUADRO 1 (ANEXO K).

³ O Pacto de Varsóvia foi criado em 14 de maio de 1955 e era composto por Albânia, Bulgária, Hungria, Polônia, ex-República Democrática da Alemanha, Romênia, ex-URSS e ex-Tchecoslováquia.

⁴ De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU) (1996), a partir de 24 de dezembro de 1991, a FR herdou todos os direitos e obrigações da ex-URSS, incluindo o assento permanente no Conselho de Segurança. A Constituição da Federação Russa (1993) estabelece essa sucessão legal em seu artigo 67-1.

expandiu ao longo dos anos, angariando, inclusive, membros do antigo Pacto de Varsóvia e Estados que faziam parte da extinta URSS⁵. Conta, hoje, com trinta Estados associados.

A OTAN, sendo uma aliança de defesa, dispõe de métodos e meios militares para a execução de suas operações. Nesse sentido, uma de suas ações militares envolve empregar meios navais de superfície, devido à visibilidade e demonstração ostensiva de força, que podem decidir o curso de crises contrárias aos interesses de seus aliados.

Esse emprego de forças de superfície para o atingimento de propósitos políticos remonta aos tempos da chamada Diplomacia das Canhoneiras⁶. Assim, o poder naval, devido a suas características de mobilidade, flexibilidade, versatilidade e permanência⁷, tem se demonstrado como uma ferramenta eficiente do poder político para conseguir uma situação favorável durante crises, por meio de sua capacidade de uso da força.

Após a intervenção russa na Crimeia⁸ e a consequente anexação daquela península ao território russo, em 2014, as relações entre a FR e a OTAN se agravaram e uma corrida armamentista se acirrou nos Estados membros do flanco leste da aliança. A OTAN reforçou a presença militar na região, com o estabelecimento de grupamentos operativos multinacionais na Europa Oriental, além do aumento da presença de navios de guerra e exercícios navais nos mares Báltico e Negro (OTAN, 2022c). Assim sendo, a aliança poderia dispor de seus meios para buscar uma situação favorável e dissuadir a FR a não realizar nova ação militar contra o território ucraniano. Desse cenário, surgem os questionamentos: a OTAN utilizou suas forças de superfície para esse fim? Se utilizou, o desfecho foi favorável e a FR foi contida?

⁵ Letônia, Lituânia, Estônia são membros da OTAN que faziam parte da ex-URSS.

⁶ Ver GLOSSÁRIO.

⁷ As características do poder naval estão definidas na Doutrina Militar Naval (DMN) (BRASIL, 2017).

⁸ Este trabalho adotará o nome Crimeia, a fim de não tomar partido da disputa internacional dos nomes: República Autônoma da Crimeia, adotada pela Ucrânia; e República da Crimeia, adotada pela FR, após 2014.

O que este trabalho se propõe a fazer e tem como propósito principal é responder a esses questionamentos, justapostos em um: o emprego das forças de superfície dos membros da OTAN no mar Negro⁹, atuando em manobra de crise, teria contribuído para potencializar a tensão e iniciar o conflito armado entre a FR e a Ucrânia? Como objeto da pesquisa, utilizaremos as ações navais das forças de superfície no mar Negro no período de 25 de novembro de 2018 a 24 de fevereiro de 2022. Essas datas representam o período compreendido entre: o incidente naval entre a FR e a Ucrânia, que resultou no apresamento de navios das Forças Navais da Ucrânia¹⁰ (FNU), no estreito de Kerch; e a data da ofensiva de tropas no território ucraniano de Donbas.

Analisaremos as ações das forças de superfície ocorridas em seis episódios, que serão detalhados no capítulo 3. Este trabalho não abordará as movimentações de navios isolados de Estados banhados pelo mar Negro¹¹, exceto se estiverem operando sob comando da OTAN em um grupamento operativo. Isso evitará que movimentações sem implicação na crise, como uma comissão de experiência de máquinas, por exemplo, sejam consideradas.

Para alcançar o propósito, utilizaremos como metodologia de pesquisa o confronto entre a teoria e a realidade, empregando a concepção teórica da Diplomacia Naval, de Geoffrey Till¹². Outros autores e documentos oficiais serão citados como fundamentação ao texto dissertativo. Não será necessária a formulação de hipóteses para este trabalho. A pergunta problema orientará a sequência estrutural deste estudo, que foi dividido em cinco capítulos.

⁹ A área marítima do mar Negro compreende os estreitos de Bósforo, Kerch e o mar de Azov.

¹⁰ Do original, em língua ucraniana: *Військово-Морські Сили України*

¹¹ Bulgária, Romênia e Turquia são Estados membros da OTAN banhados pelo mar Negro.

¹² Geoffrey Till (1945-) é britânico, professor da *King's College London*, historiador naval e autor de estudos sobre estratégia naval contemporânea.

Passando a tratar dos capítulos em questão, iniciamos com este primeiro, que apresentou o propósito e o delineamento do escopo da pesquisa. No segundo capítulo, faremos uma abordagem conceitual de crise e de manobra de crise, segundo diferentes interpretações. Também discorreremos sobre a teoria de Geoffrey Till da Diplomacia Naval e como ela se relaciona a uma manobra de crise. No terceiro capítulo, trataremos da crise entre a FR, de um lado, e a Ucrânia e a OTAN, de outro, abordando suas raízes históricas e as interações entre suas lideranças e documentos emitidos. Estudaremos as ações das forças de superfície executadas pelos membros da OTAN, conforme a delimitação já citada. No quarto capítulo, faremos o confronto dos elementos identificados na crise entre a FR e Ucrânia/OTAN com os conceitos apresentados no capítulo 2, bem como procuraremos demonstrar como as ações das forças de superfície estudadas podem ser vistas à luz da teoria de Geoffrey Till e se contribuíram ou não para o acirramento da crise e o início da fase de conflito armado. Tendo alcançado esse objetivo, estaremos respondendo à pergunta problema. Por fim, no quinto capítulo, apresentaremos as considerações finais, na qual abordaremos o trabalho com um todo, trazendo uma análise sobre a aplicação da teoria no objeto considerado, atingindo o propósito.

No próximo capítulo, passaremos a tratar da base teórica que dará sustentação a esta dissertação.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo foi dividido em cinco seções secundárias. Inicialmente, apresentaremos os conceitos de crise e manobra de crise. Em sequência, discorreremos sobre a aplicação do poder naval na manobra de crise. Analisaremos a concepção teórica de Geoffrey Till sobre a Diplomacia Naval. Por fim, faremos uma breve conclusão parcial.

2.1 CONCEITO DE CRISE

Antes de definirmos o que seria a crise, faz-se mister situá-la no espectro evolutivo do conflito¹³. Segundo a Doutrina Militar de Defesa (DMD) (2007), a ocorrência do conflito caracteriza três estados que não se sobrepõem: paz, crise e conflito armado ou guerra¹⁴. Assim, a crise está posicionada em um estágio intermediário entre uma situação de paz, controlável, e uma conjuntura de conflito armado, na qual o recurso à violência armada passa a ser utilizado pelas forças institucionalizadas ou irregulares¹⁵, e cujo desenrolar dos acontecimentos é incerto (BRASIL, 2007). Este estudo focará nas crises internacionais. Passaremos, então, a apresentar algumas de suas definições. Segundo a DMD:

A crise internacional política-estratégica, nesta Doutrina, é definida como um estágio ou conflito, entre dois ou mais Estados, em que o desencadeamento proposital de uma situação de tensão visa a alcançar objetivos políticos ou político-estratégicos, por meio da manipulação do risco de uma guerra, com atitudes e comportamentos que indicam ser a situação extrema compatível com razões maiores, quase sempre ocultas ou não explicitamente declaradas (BRASIL, 2007, 2. ed., p. 29).

Analisando essa definição, identificamos quatro elementos que compõem o conceito estrito de crise, que será empregado neste trabalho:

a) é um contexto social pertencente ao espectro internacional do conflito, situado em uma fase de tensão entre a paz e o conflito armado (guerra);

¹³ Ver GLOSSÁRIO.

¹⁴ Ver FIG. 3 (ANEXO B).

¹⁵ Ver GLOSSÁRIO.

b) demanda um movimento coordenado (manipulação do risco), a fim de regredir a crise a um estado de paz que traga uma vantagem para negociar;

c) a situação tem implicações no nível político-estratégico, pois congrega ações que visam a um propósito maior do que aquele que se apresenta na cena de ação;

d) evolui para o conflito armado, quando falham as tentativas de negociação.

Seguindo na análise de outras perspectivas, para a OTAN, o conceito de crise não está assentado em suas publicações oficiais. Sua concepção é encontrada implicitamente na publicação AAP-06 – *NATO Glossary of Terms and Definitions* (2013), como uma conjuntura posicionada entre a paz e a guerra, coerente com o elemento da alínea *a*.

Partindo para uma interpretação russa, verificamos que o vocábulo crise não aparece como uma palavra-conceito nos documentos oficiais da FR. Os termos que mais se assemelham ao conceito de crise que estão presentes no Manual de Terminologia de Defesa da Federação Russa¹⁶ [2022a] são perigo militar e ameaça militar¹⁷. Essas expressões aparecem como conjunturas intermediárias entre a paz e a guerra (componente da alínea *a*). Adicionalmente, a Doutrina Militar da Federação Russa¹⁸, de 2014, também faz essa associação. Correlaciona o termo ameaça a um estágio pré-guerra, associado à ameaça militar ou ameaça de agressão (FEDERAÇÃO RUSSA, 2015). Outros documentos, como os Princípios Básicos da Política de Estado da Federação Russa na Dissuasão Nuclear¹⁹, de 2020, também fazem essa conexão:

11. A dissuasão nuclear é assegurada continuamente em tempo de paz, em períodos de ameaça direta de agressão e também em tempo de guerra, até o uso efetivo de armas nucleares.

¹⁶ Do original, em língua russa: *Справочник По Терминологии В Оборонной Сфере*.

¹⁷ Do original: *военная опасность* e *военная угроза*, respectivamente. A partir deste ponto, grifaremos os termos para destacá-los e facilitar a compreensão.

¹⁸ Do inglês: *The Military Doctrine of the Russian Federation*. Traduzido do original em língua russa pela Embaixada da Federação Russa no Reino Unido.

¹⁹ Do inglês: *Basic Principles of State Policy of the Russian Federation on Nuclear Deterrence*. Traduzido do original em língua russa pelo Ministério das Relações Exteriores da FR.

12. Os principais riscos militares que podem evoluir para ameaças militares (ameaças de agressão) à Federação Russa devido a mudanças na situação político-militar e estratégica são os seguintes: [...] (FEDERAÇÃO RUSSA, 2020, tradução nossa)²⁰.

Percebemos que os elementos do espectro paz-crise-guerra e o componente político-estratégico (alíneas *a* e *c*) estão presentes, diretamente associados ao poder militar.

Em uma abordagem mais contemporânea, Kelly McCoy²¹ (2018) adaptou o que é tratado como espectro do conflito (*conflict spectrum*) para o contínuo da competição (*competition continuum*). Esse conceito envolve uma zona não definida de cooperação, competição sem conflito armado e conflito armado. Dessa forma, o que diagnosticamos como crise seria o equivalente à competição sem conflito armado. Algumas obras e documentos oficiais nos EUA já contemplam essa terminologia, como a doutrina JDN 1-19 – *Competition Continuum* (2019). Contudo, essa abordagem ainda não está completamente sedimentada nas forças armadas de outros Estados.

2.2 A MANOBRA DE CRISE

A manobra de crise, como é entendida hoje, ganhou amadurecimento após a Crise dos Mísseis de Cuba²², em 1962. Conforme dimensiona Peter Nailor²³ (1984), durante a Guerra Fria, as ambições dos EUA e da FR puderam ser alcançadas sem o enfrentamento direto entre as partes, graças às técnicas de gerenciamento da crise (*crisis management*). Após o término do conflito, o tema passou a ser aplicado em outros campos, como na esfera

²⁰ Original em língua inglesa: “11. *Nuclear Deterrence is ensured continuously in peacetime, in periods of a direct threat of aggression and also in wartime, up until the actual use of nuclear weapons.* 12. *The main military risks that might evolve into military threats (threats of aggression) to the Russian Federation due to changes in the military-political and strategic situation, and that are to be neutralized by implementation of nuclear deterrence, are as follows: [...]*”.

²¹ Michael Kelly McCoy é norte-americano, oficial do *US Army* e professor na *Naval Postgraduate School*.

²² Em virtude de não ser o escopo deste trabalho, para aprofundamento na Crise dos Mísseis de Cuba, recomendamos a obra: KENNEDY, Robert. F. *Thirteen Days: A Memoir of the Cuban Missile*. New York: The New American Library, 1969. 192 p.

²³ Peter Nailor (1928-1996) foi um acadêmico britânico, servidor civil do extinto *Department of Admiralty* e professor da *Royal Naval College*.

econômica, por exemplo. No domínio militar, o termo foi adaptado para manobra de crise.

A Doutrina Militar Naval (DMN) brasileira elucida a manobra de crise como um:

[...] 1. processo de condução da crise pela expressão política do *Poder Nacional* e tem por finalidade básica conseguir uma paz vantajosa, evitando que ela evolua para o conflito armado. 2. Conjunto de ações desencadeadas para distender, estabilizar, ou escalar em relação à situação de crise. [...] (BRASIL, 2017, 1. ed, p. A-18, grifo do autor).

O que se tem por propósito, na manobra de crise, é a paz, mesmo que haja necessidade de intensificar as ações para obrigar o oponente a desistir de seus objetivos. É um movimento gerenciado por um condutor político e caracterizado pela tomada de decisões objetivas, proveniente de uma execução preparada, antecipada e institucionalizada (HARVEY V., ANDRÉS B., RUBILAR G., 2016). Assim, diante dessas perspectivas, verificamos que há elementos indissociáveis da manobra de crise: a condução pelo poder político, a utilização de uma metodologia processual e a não evolução para o estado de guerra.

Já vimos que, para a FR, a crise equivale ao contexto de ameaça de agressão. Documentos daquela federação empregam o que é chamado de dissuasão estratégica (*стратегического сдерживания*) para afastar essa ameaça de agressão externa e prevenir conflitos armados. Assim prevê a Estratégia Nacional de Segurança da Federação Russa²⁴ (2021a) e na já citada Doutrina Militar da Federação Russa. Dessa forma, surge a relação entre a manobra de crise e a dissuasão. Para alguns analistas, essa forma russa de dissuasão é vista como agressiva. Valeriy Akimenko²⁵ (2021) afirma que esse método é impreciso e ignora o fato de que um movimento mal calculado pode ter efeito contrário e ser interpretado como um ato hostil. Não obstante, também deduz que essa imprecisão pode ser intencional, de forma que as reais intenções dessa estratégia permaneçam obscuras.

Para a OTAN, *crisis management* é definido como “[...] ações coordenadas realizadas para desarmar crises, prevenir a sua escalada para um conflito armado e conter as

²⁴ Do original, em língua russa: *Стратегия Национальной Безопасности Российской Федерации*.

²⁵ Valeriy Akimenko (1966-) é um pesquisador ucraniano, especializado em assuntos militares da FR.

hostilidades [...]” (OTAN, 2013, p. 2-C-18, tradução nossa)²⁶. A abrangência desse conceito evoluiu junto com a organização. Em 1949, a ameaça soviética era o principal inimigo. As ações da aliança baseavam-se na defesa coletiva de seus membros contra um ataque externo, fundamentada no artigo 5º do Tratado. Após a ruína da ex-URSS, a ameaça passou a envolver outros atores e a aplicação do conceito foi estendida a crises não previstas no artigo 5º. A Concepção Estratégica²⁷ de 1991 iniciou a abordagem da gestão de crises e prevenção de conflitos (OTAN, 2010b). Ela foi aperfeiçoada na Concepção Estratégica de 1999, com as Operações de Resposta a Crise Não Baseadas no Artigo 5º (sigla em inglês, NA5CRO)²⁸ (OTAN, 2010c).

Para obter a legitimidade nas ações, as NA5CRO normalmente buscam reconhecimento de organismos internacionais, como a Organização das Nações Unidas (ONU) e a União Europeia (UE). As operações militares normalmente são referendadas pelo Conselho de Segurança da ONU. Cabe ressaltar que a OTAN possui três dos cinco membros permanentes daquele conselho: os EUA, o Reino Unido e a França. As decisões de nível político da aliança são exercidas pelo Secretário-Geral e pelo *North Atlantic Council* (NAC), órgão que possui representantes de cada Estado participante e que decide em nome do Tratado, com base na unanimidade de seus componentes²⁹.

A doutrina AJP-01(E) – *Allied Joint Doctrine* (2017) delimita que as operações de resposta a crise (*crisis response operations* – CRO) estão focadas em uma comunidade internacional mais ampla, envolvendo não somente os Estados membros. Para isso ser

²⁶ Texto original em língua inglesa: “[...] *coordinated actions taken to defuse crises, prevent their escalation into an armed conflict and contain hostilities* [...]”.

²⁷ Do original, em língua inglesa: *The Alliance’s Strategic Concept* (1991). A OTAN expediu, após 1991, mais três concepções estratégicas: *Alliance Strategic Concept* (1999), *Strategic Concept* (2010) e a atual *Strategic Concept* (2022). A versão de 2022 foi adotada em 29 de junho e ainda não estava em vigor quando do contexto temporal do objeto deste trabalho.

²⁸ Do original, em língua inglesa: *Non-Article 5º Crisis Response Operations* (NA5CRO).

²⁹ O NAC foi estabelecido pelo artigo 9º do Tratado do Atlântico Norte e está sediado em Bruxelas, na Bélgica.

possível, a doutrina AJP-5 – *Allied Joint Doctrine for the Planning of Operations*, de 2019, enfatiza que os meios militares não bastam para enfrentar os muitos desafios de segurança. É necessária uma abordagem abrangente e que todos os atores contribuam para um propósito compartilhado (OTAN, 2021a).

2.3 O PODER NAVAL EMPREGADO NA MANOBRA DE CRISE

O poder naval é a parcela do poder militar por excelência para a realização da manobra de crise, sobretudo por sua capacidade de se posicionar estrategicamente e permanecer nas proximidades da região em crise sem violar o Direito Internacional (DI). James Cable³⁰ (1984), em sua análise sobre a *Royal Navy*³¹, sustenta que o poder naval é capaz de apoiar os esforços diplomáticos para persuadir outras forças a fazer algo que não é desejado, ou mesmo desistir de uma ação já iniciada. Na visão do Almirante Gorshkov³² (1979), esse era um recurso utilizado pela política de Estados imperialistas para amedrontar potenciais adversários. No entanto, o Almirante também reconhece que a esquadra é um instrumento de política externa e uma importante ajuda em tempos de paz.

Para a OTAN, a doutrina AJP-3C – *Allied Joint Doctrine for the Conduct of Operations* (2019) define oito tipos de CRO. Dentre elas, estão as Operações de Liberdade de Navegação e Sobrevoos (*Freedom of Navigation and Overflight Operations*). O componente naval dessas operações é conduzido para a garantia dos direitos de navegação estabelecidos na Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar (CNUDM).

³⁰ Sir James E. S. Cable (1920-2001) foi um autor britânico de estudos sobre Estratégia Naval, diplomata e nomeado Cavaleiro da Ordem Real Vitoriana.

³¹ Ver GLOSSÁRIO.

³² O Almirante Sergey Gorshkov (1910-1988) foi um estrategista naval soviético, autor de obras que influenciaram o poder naval da ex-URSS e condecorado como herói nacional na URSS. Foi Comandante-em-Chefe da Marinha soviética, de 1956 a 1985.

2.4 A DIPLOMACIA NAVAL, SEGUNDO GEOFFREY TILL

Após termos verificado a conexão da manobra de crise com o emprego do poder naval, passaremos a analisar a teoria do professor Geoffrey Till (2018), na quarta edição de sua obra *Seapower: A Guide for the Twenty-First Century*. Ele compilou aspectos históricos, teóricos e operacionais do emprego do poder naval. O ponto que destacamos em seu pensamento evidencia a Diplomacia Naval como um instrumento político para utilizar o *smart power*³³ do poder naval de forma eficaz nas relações internacionais.

Till apresentou a Diplomacia Naval como sendo uma gama contínua de atividades do emprego do poder naval. Essa série de ações engloba desde o uso da força, em um extremo, passa pela dissuasão, e vai até ações de cooperação, em outro extremo. O objetivo dela é, basicamente, influenciar comportamentos. A forma como um Estado vai aplicar a intensidade de seu poder naval depende de seus objetivos políticos. Por este entendimento, ele assegura que: “Dependendo da natureza desses objetivos, a diplomacia naval pode ser usada de forma competitiva ou colaborativa, ou, mais comumente, uma mistura dos dois.” (TILL, 4. ed., 2018, p. 360, tradução nossa)³⁴. Podemos associar, então, o pensamento do professor ao conceito de crise, na forma de sua nomenclatura mais contemporânea de competição/cooperação.

Na mesma sintonia, a manobra de crise está interligada com o pensamento de Till, na medida em que ele afirma que **a prevenção da guerra continua sendo a principal tarefa das Marinhas**. Prossegue defendendo que o poder naval tem o dom de desencorajar a tendência dos Estados de recorrer ao recurso armado. A força naval pode, segundo ele, oferecer aos **líderes estatais** uma série de instrumentos diplomáticos para serem utilizados

³³ Ver GLOSSÁRIO.

³⁴ Original em língua inglesa: “Depending on the nature of those objectives, naval diplomacy can be used in a competitive or collaborative way, or, more usually, some mixture of the two.”.

em tempos de paz e crise. Ele reforça a necessidade de que a política externa deve desenvolver uma **abordagem estratégica para a diplomacia naval**, claramente planejada para integrá-la à diplomacia geral, mais ampla (TILL, 2018). Percebemos, então, nos termos grifados, os três elementos indissociáveis da manobra de crise: a não evolução para o estado de guerra, a condução pelo poder político e a utilização de uma metodologia processual.

O autor delimitou quatro propósitos das missões de Diplomacia Naval, que refletem a conduta política competitiva ou cooperativa, a ser empregada pelas Marinhas: Presença (*Presence*), Construção de cenário (*Picture-building*), Construção de aliança (*Coalition-building*), e Coerção (*Coercion*), conforme ilustrado na FIG. 4 (ANEXO C). Ele aborda que os propósitos não são independentes e que, dentro do contínuo espectro da diplomacia naval, as forças podem ser empregadas para mais de um deles, simultaneamente.

Como primeiro deles, as operações com propósito Presença (*Presence*) podem servir tanto à cooperação quanto à competição e desfrutam das vantagens das características do poder naval para mostrar bandeira. A mobilidade estratégica e a permanência se destacam nesse quesito, pois, como já demonstrado, permitem às Marinhas o alcance e sustentação que as demais forças singulares não possuem. Essas operações devem ter como requisito a garantia de acesso a um local negado (TILL, 2018).

As operações de propósito Construção de cenário (*Picture-building*) também transitam pela cooperação e competição. São encarregadas de coletar, processar e divulgar dados essenciais sobre as características da área, movimentações, ações e política de aliados e adversários. Embora essa atividade também possa ser desenvolvida a partir de terra, como nas adidâncias e centros de inteligência, o foco apontado por Till são as operações navais no mar. (TILL, 2018).

O propósito de Construção de aliança (*Coalition-building*) pertence ao espectro

da cooperação. Baseia-se em atividades não ameaçadoras, que têm a intenção de influenciar e estreitar o relacionamento com aliados e Estados potencialmente amigos. Em sua gama de operações, estão desde a realização de exercícios entre Marinhas amigas até as mais variadas operações multinacionais que exigem uma organização mais complexa. O autor aborda que a OTAN é a organização que mais adquiriu expertise nesse propósito, pois une diferentes culturas, doutrinas e tecnologia sob um único comando operacional. Ele aponta que as motivações dessas operações são variadas. Percebemos duas que interessam a este estudo: a segurança coletiva dos aliados ou potenciais aliados, a fim de tranquilizar Estados ameaçados e o aumento do nível de interoperabilidade entre as forças (TILL, 2018). Percebemos, então, a ligação da teoria com as publicações doutrinárias da OTAN abordadas.

O propósito de Coerção está inserido no ambiente competitivo. Engloba duas dimensões: a Dissuasão (*Deterrence*) e a Compelência (*Compellence*). Operações de Coerção visam a impedir uma força de fazer algo contrário aos interesses do coator. Tendem a criar uma expectativa de que os custos da investida adversária se tornem demasiado elevados ou até inaceitáveis. A Dissuasão tende a ser passiva, conferindo ao dissuasor o poder de manipular as percepções do adversário. A Compelência é ativa e obriga ou impede, por ações cinéticas, a parte oponente de adotar determinado comportamento (TILL, 2018).

O professor Till também alerta que nem sempre as manobras podem ser bem-sucedidas. Há a necessidade de um apoio contínuo de outros campos da diplomacia geral. Um emprego da força mal calculado pode resultar em consequências não desejáveis para ambas as partes e o custo do fracasso pode ser incalculável:

Embora seja razoável pensar que os decisores seguiram um caminho de processo de estimativas organizado e lógico em suas deliberações sobre o assunto, esse tipo de exatidão científica tem sua limitação. A política externa é um negócio arriscado e imprevisível. As somas podem dar errado. Por esta razão, há uma tendência natural de errar no quesito da segurança, até mesmo para um excesso dela. (TILL, 2018, 4. ed., p. 372, tradução nossa)³⁵.

Assim, para se conseguir o efeito desejado com a Diplomacia Naval, o autor faz um alerta aos planejadores:

a) o sucesso de uma missão de Diplomacia Naval é difícil de se comprovar. A principal dificuldade está em medi-lo. Caso ocorra, há de se considerar se o êxito compensou os custos envolvidos. Por outro lado, o insucesso é mais fácil de ser comprovado; e

b) a Diplomacia Naval é apenas parte da diplomacia geral e é raramente decisiva por si só. A força naval pode fazer parte do esforço principal da atividade diplomática, mas outras abordagens ou expressões do Poder Nacional (ou da aliança) podem vir a se revelar mais importantes a longo prazo.

2.5 CONCLUSÕES PARCIAIS

O objetivo deste capítulo foi apresentar a base teórica que acompanhará este trabalho. Vimos que a concepção de crise é ampla e, ao apresentarmos um conceito estrito, balizamos o entendimento que será aplicado doravante. Em sequência, dissertamos sobre o conceito de manobra de crise. Percebemos uma convergência das definições em três elementos indissociáveis. Identificamos que, nas publicações russas analisadas, manobra de crise está associada à dissuasão. Essa correlação facilita o entendimento da teoria de Geoffrey Till, quando constatamos que a manobra de crise, a dissuasão e a Diplomacia Naval estão interligadas. Em sequência, compreendemos como o poder naval pode ser empregado

³⁵ Original em língua inglesa: *“While it would be nice to think that decision-makers followed such a tidy and logical estimate process in their deliberations on the matter, this kind of scientific exactitude has its limits. International politics is a chancy, unpredictable business. The sums may go wrong. For this reason, there is a natural tendency to err on the side of safety, even to over-insure.”*

em manobra de crise pela OTAN, cujas missões serão apresentadas no capítulo 3.

Por fim, entramos na teoria base deste trabalho, ao pontuar a percepção de Geoffrey Till sobre as aplicações da Diplomacia Naval. Os aspectos levantados dessa teoria serão confrontados com o objeto da dissertação, no capítulo 4. Assim, procuraremos responder ao problema central.

Passando ao capítulo seguinte, vamos discorrer sobre as relações da OTAN com a Ucrânia e a FR e as manobras de crise do poder naval da aliança.

3 ASPECTOS HISTÓRICOS E A FORÇA NAVAL DA OTAN NO MAR NEGRO

Uma abordagem completa da crise entre a FR e a Ucrânia se debruçaria sobre eventos históricos importantes, como: a eclosão da Primeira (2004) e Segunda Revolução Laranja (2014) na Ucrânia, a Guerra Russo-Georgiana (2008) e a anexação da Crimeia. Todavia, a análise desses acontecimentos, na profundidade requerida para sua compreensão, demandaria um estudo próprio. Este trabalho fará uma breve exposição deles para compreendermos o contexto da crise. A abordagem histórica, embora preceda à delimitação temporal deste trabalho, dará suporte para a compreensão do objeto deste estudo.

Assim, estruturamos este capítulo em três seções secundárias. Primeiramente, abordaremos a conjuntura histórica, dividida em três partes. Então, dissertaremos sobre os seis episódios das forças de superfície da OTAN no mar Negro e mar de Azov, dentro da delimitação temporal. Em adição, descreveremos como a FR interveio nesses episódios e se estruturou para se contrapor ao avanço da OTAN, culminando no envio de tropas ao Donbas. Por fim, faremos uma conclusão parcial das evidências colhidas.

3.1 ASPECTOS HISTÓRICOS DAS RELAÇÕES ENTRE OS ATORES

3.1.1 Ex-URSS/Federação Russa, Ucrânia e OTAN: relações ao final da Guerra Fria

A queda do muro de Berlim, em 1989, sinalizava que a Guerra Fria estava se aproximando do desfecho. Era necessário definir o futuro da relação entre a OTAN e a ex-URSS. Em 9 de fevereiro de 1990, o então Secretário de Estado norte-americano James Baker (1930-) assegurou ao Presidente soviético Mikhail Gorbatchev (1931-) que se a OTAN se mantivesse na Alemanha unificada, não haveria a extensão das forças da aliança nem por

“[...] uma polegada a leste.” (BAKER III *apud* EUA, 2017, p. 6, tradução nossa)³⁶.

Adicionalmente, em 17 maio de 1990, o então Secretário-Geral da OTAN Manfred Wörner (1934-1994) declarou:

O próprio fato de estarmos dispostos a não enviar tropas da OTAN para além do território da República Federal, dá à União Soviética firmes garantias de segurança. [...] Não propomos à União Soviética algo que vá contra os seus interesses. O que temos para oferecer só pode ser vantajoso. (OTAN-Secretário-Geral, 1990, tradução nossa)³⁷.

Em meio a essas garantias, a OTAN estabeleceu relações com os Estados do antigo Pacto de Varsóvia e das ex-repúblicas soviéticas. Em agosto de 1991, a Ucrânia se tornou independente da ex-URSS e aderiu ao então *North Atlantic Cooperation Council* (NAAC)³⁸. Dois aspectos são importantes na aproximação da Ucrânia recém-independente com a OTAN: a identidade do Estado ucraniano e a questão da Crimeia.

Para analisar o primeiro aspecto, recorreremos ao estudo de Huntington³⁹ (1996), que identificou zonas de separação civilizacional pelo mundo. Segundo ele, a Ucrânia é cortada pela linha de cisão que define o limite entre as civilizações ocidental e ortodoxa. Desde sua independência, os ucranianos discordam sobre questões fundamentais: a identidade nacional do Estado e a orientação geopolítica nas relações internacionais (COHEN, 2019). Segundo o censo de 2001 (primeiro pós-independência), as províncias do leste ucraniano eram as que mais possuíam povos de etnia russa, conforme mostrado na FIG. 5 (ANEXO D) (UCRÂNIA, 2003). Em sua obra, Huntington deixou nítida essa disparidade: “A Ucrânia está dividida entre o oeste de língua ucraniana nacionalista Uniata⁴⁰ e o leste de

³⁶ BAKER III, James A. [Conversation with Mikahil Gorbachev]. Moscow, 1990. Original em língua inglesa: “[...] *one inch to the east.*”.

³⁷ Original em língua inglesa: “*The very fact that we are ready not to deploy NATO troops beyond the territory of the Federal Republic gives the Soviet Union firm security guarantees. [...] We are not proposing something to the Soviet Union which is against its interests. What we have to offer can only be to its advantage.*”.

³⁸ O NAAC foi um fórum criado pela OTAN para a cooperação aos Estados da Europa Central e Oriental que haviam se tornado independentes da ex-URSS. Desde 1997, passou a chamar-se *Euro-Atlantic Partnership Council*.

³⁹ Samuel P. Huntington (1927-2008) foi um cientista político dos EUA e professor da *Harvard University*.

⁴⁰ Ver GLOSSÁRIO.

língua russa Ortodoxa” (HUNTINGTON, 1996, p. 138, tradução nossa)⁴¹.

Em relação ao segundo aspecto, havia o fato de a Crimeia ter sido transferida administrativamente à Ucrânia em 1954, no governo de Nikita Khrushchev (1894-1971). A península é estrategicamente importante por abrigar a cidade portuária de Sevastopol, onde se localizava a Esquadra do Mar Negro da Marinha soviética. Segundo Hahn⁴² (2018), essa transferência foi uma bomba-relógio para a integridade territorial ucraniana e para as relações russo-ocidentais. Ele pontua que Sevastopol é uma cidade com quase a totalidade de russos, sendo a maior parte de sua população composta por militares. Desde 1991, ambos os Estados tentavam estabelecer a demarcação de fronteiras, mas encontravam obstáculos, como a partilha dos meios da Esquadra do Mar Negro. A ex-URSS possuía, naquela área marítima, 26 portos ou bases navais. A Ucrânia independente passou a dispor de dezenove dessas instalações em seu território, incluindo Sevastopol (SEZER, 1995). Segundo Stewart⁴³ (1997), essas eram apenas manifestações de um problema maior: a FR não aceitava a existência de uma Ucrânia independente.

Os embates sobre a Ucrânia pós-soviética ocorriam no período em que reuniões sobre a expansão da OTAN eram realizadas. Em 1995, a coalizão estabeleceu diretrizes para a adesão de novos componentes no documento *Study on NATO Enlargement*. Este documento destacou que não há de ser reconhecida qualquer esfera de influência de poder na atualidade (OTAN, 2008). Para Huntington, o propósito central da expansão era claro: garantir a continuidade da aliança e impedir a reimposição do controle militar e político da FR sobre a Europa Central. Ele afirma que os russos foram contrários a qualquer

⁴¹ Original em língua inglesa: “Ukraine is divided between the Uniate nationalist Ukrainian-speaking west and the Orthodox Russian-speaking east.”

⁴² Gordon M. Hahn é professor e pesquisador Ph.D, especializado em política na Rússia e Relações Internacionais.

⁴³ Dale Stewart cursou na *Naval Postgraduate School*, em 1997. Sua obra é referência para estudos sobre a FR.

alargamento da aliança, pois isso acirraria as forças políticas antiocidentais. Kennan⁴⁴ (1997) descreve que a expansão da OTAN para as fronteiras russas seria o erro mais fatídico cometido no pós-Guerra Fria. Para ele, os russos não se interessavam nas garantias da OTAN, pois o que estava em risco era o prestígio e a própria segurança do Estado.

Como forma de apaziguar as divergências, em 27 de maio de 1997, na Cúpula de Paris, a OTAN e a FR assinaram o *Founding Act on Mutual Relations, Cooperation and Security*, que estabeleceu um conselho conjunto permanente para coordenação de ações. Seus princípios baseavam-se na abstenção da ameaça do uso da força e no respeito à soberania de todos os Estados (OTAN; FEDERAÇÃO RUSSA, 1997). De acordo com Stewart, o avanço da OTAN era inevitável. A FR, sob o governo de Boris Yeltsin (1931-2007), sem o poder que outrora possuía, não tinha escolha, a não ser concordar com os termos. Assim, convenções foram firmadas entre russos e ucranianos, após anos de indefinição. Em 28 de maio de 1997, foi assinado o Acordo sobre os Parâmetros da Divisão da Esquadra do Mar Negro (1997), em Kiev. Dentre os principais tópicos da convenção, ficou estabelecido que a FR permaneceria com a maioria dos meios navais da ex-URSS e seria autorizada a arrendar as instalações militares de Sevastopol por vinte anos (FEDERAÇÃO RUSSA; UCRÂNIA, 1997). Pelas convenções, 25 mil militares russos foram mantidos na Crimeia (KIMBALL, 2014).

Estabelecida a aproximação com a FR e assegurada a assinatura dos tratados russo-ucranianos, a OTAN e Ucrânia instituíram a *NATO-Ukraine Commission* (NUC). Trata-se de um fórum de alto nível, com representantes de todos os Estados membros, para desenvolver a cooperação com a Ucrânia. Em continuidade, em 1998, foi firmado o *Joint Working Group on Defence Reform*, considerado pela OTAN como o mais extenso programa de reformulação de defesa com um Estado parceiro (OTAN, 2022e).

⁴⁴ George F. Kennan (1904-2005) foi um diplomata estadunidense, Embaixador dos EUA na ex-URSS (1952) e na ex-Iugoslávia (1960-1963) e autor de estudos sobre Relações Internacionais.

3.1.2 As ondas de expansão da OTAN

A aproximação da OTAN com a Ucrânia ocorria concomitantemente às negociações com outros Estados candidatos à filiação na aliança. Em 12 de março de 1999, transcorreu o que Eichler⁴⁵ (2021) chamou de primeira onda de expansão da OTAN, com a adesão de três ex-membros do Pacto de Varsóvia. A OTAN atingia, pela primeira vez, a fronteira russa, no distrito de Kaliningrado, onde se encontra a sede da Esquadra do Báltico da Marinha da Federação Russa (MFR). Esse movimento contribuiu para que o então Presidente Boris Yeltsin suspendesse as relações com a OTAN (HOFFMAN, 1999).

A segunda onda de expansão adiciona mais sete Estados à OTAN, em 2 de abril de 2004. Com a adesão da Letônia, Lituânia e Estônia, a aliança incorpora antigos territórios da ex-URSS e circunda completamente o acesso terrestre a Kaliningrado. Essa expansão atinge também Estados banhados pelo mar Negro, como Bulgária e Romênia. À época, o Presidente russo Vladimir Putin (1952-) alegou que a FR não se preocupava com esse passo dado pela aliança. Entretanto, suas ações não sinalizaram o que havia afirmado. Inicialmente, se reuniu com o então Primeiro-Ministro da Ucrânia Viktor Yanukovich (1950-), um dia antes da cerimônia de adesão dos sete novos membros. Os líderes trataram da cooperação bilateral e do monitoramento das decisões entre os Estados. Em seguida, afirmou que organizaria suas forças militares, à medida que a coalizão se aproximasse de suas fronteiras. Ainda em abril de 2004, visitou a Crimeia e se reuniu com o então Presidente ucraniano Leonid Kuchma (1938-) para tratar da delimitação da fronteira comum e do Acordo de Cooperação do Mar de Azov e Estreito de Kerch⁴⁶ (FEDERAÇÃO RUSSA, 2004a, b;

⁴⁵ Jan Eichler é Ph.D., pesquisador e professor na Faculdade de Relações Internacionais e Públicas, em Praga.

⁴⁶ O Acordo de Cooperação do Mar de Azov e Estreito de Kerch (do original: *Договор Между Российской Федерацией и Украиной о Сотрудничестве в Использовании Азовского моря и Керченского Пролива*), de 2003, prevê que navios russos e ucranianos naveguem livremente por aquela região marítima e pelo estreito.

FEDERAÇÃO RUSSA-Presidente, 2004c).

Em 30 de outubro de 2004, o parlamento russo articulava a aprovação da dupla cidadania russo-ucraniana, que deveria vigorar a partir de 2005 (FEDERAÇÃO RUSSA, 2004d). Contudo, com as suspeitas de fraudes nas eleições da Ucrânia, de novembro de 2004, irrompe a Primeira Revolução Laranja. Após uma onda de protestos populares e disputa judicial, uma nova eleição foi realizada em dezembro, sob vigilância internacional, quando vence Viktor Yushchenko (1954-), de alinhamento pró-ocidente (WILSON, 2005)⁴⁷.

Conforme afirma Eichler, a partir da segunda onda, percebeu-se um ciclo de medidas e contramedidas que eram comuns na Guerra Fria. O Presidente Putin (2007) enfatizou que a Carta da ONU é o único instrumento para a utilização da força militar internacionalmente, e não a OTAN. Adicionou que a expansão da aliança para as fronteiras russas representam uma séria provocação, que reduz o nível de confiança mútua e relembrou as garantias feitas à ex-URSS em 1990.

Durante a Cúpula de Bucareste (2008), em abril de 2008, a OTAN declarou que as decisões sobre sua expansão competem à aliança e que seus membros concordam com a adesão de outros aliados, como Ucrânia e Geórgia. Também citou a parceria com a FR, com ressalvas de que o ápice dessa cooperação ainda não havia sido atingido. Dias antes da Cúpula, em março, Dmitry Medvedev (1965-), na condição de Presidente eleito da FR, declara que a aceitação desses dois Estados pós-soviéticos à OTAN pode representar uma ameaça à segurança europeia (MEDVEDEV, 2008). Segundo Eichler, a filiação da Ucrânia e da Geórgia daria início à terceira onda de expansão. Contudo, isso não ocorreu. Somente a Albânia e a Croácia aderiram à aliança nessa onda.

⁴⁷ Para aprofundamento na Primeira Revolução Laranja, recomendamos a obra: WILSON, Andrew. *Ukraine's Orange Revolution*. Filey: Yale University Press, 2005. 232 p.

Em agosto de 2008, advém a primeira reação bélica no Cáucaso. Um conflito armado de cinco dias entre a FR e a Geórgia ocorre, em função da contestação da soberania de regiões separatistas georgianas⁴⁸. Durante discurso no parlamento, em 5 de novembro, já ocupando a cadeira presidencial, Medvedev (2008) afirmou que o conflito no Cáucaso foi um pretexto para que navios da OTAN entrassem no mar Negro e instalassem um sistema de defesa antimísseis na Europa. Seu discurso foi direto e enfático, em relação aos movimentos da OTAN: “[...] temos, portanto, todos os motivos para acreditar que eles estão simplesmente testando nossa força.” (FEDERAÇÃO RUSSA-Presidente, 2008, tradução nossa)⁴⁹. Três anos depois, afirmou que a intervenção militar na Geórgia havia sido um sinal para a OTAN de que, antes de tomar uma decisão sobre a expansão, a aliança deveria primeiro ater-se à estabilidade geopolítica (FEDERAÇÃO RUSSA-Presidente, 2011 *apud* GEÓRGIA, 2012)⁵⁰. Segundo Eichler, as lições aprendidas do conflito entre a FR e a Geórgia levaram à reformulação da doutrina e da concepção de política externa russa. Essa reformulação contemplava que o Estado russo não hesitaria em utilizar a força militar contra outro Estado vizinho que queira aderir à OTAN. O art. 17 da então Estratégia Nacional de Segurança da Federação Russa até 2020⁵¹, de maio de 2009, versava que:

Um aspecto determinante das relações com a Organização do Tratado do Atlântico Norte continua sendo o fato de que os planos de estender a infraestrutura militar da aliança às fronteiras da Rússia e as tentativas de dar-lhe funções globais que vão contra as normas do direito internacional são inaceitáveis para a Rússia.” (FEDERAÇÃO RUSSA, 2009, tradução nossa)⁵².

Em 2010, as relações Rússia-OTAN-Ucrânia foram novamente arrefecidas. Em

⁴⁸ Para aprofundamento na Guerra Russo-Georgiana, recomendamos a obra: CORNEL, Svante E. (Ed.); STARR, S. Frederick (Ed.). *The Guns of August 2008: Russia's War in Georgia*. New York: M. E. Sharpe, 2009. xiv, 279 p.

⁴⁹ Original em língua russa: “[...] складывается устойчивое впечатление, что нас просто испытывают на прочность”.

⁵⁰ FEDERAÇÃO RUSSA-Presidente (2008-2012: Dmitry Medvedev). [Discurso a militares]. Vladikavkaz, 2011.

⁵¹ Do original, em língua russa: *Стратегии Национальной Безопасности Российской Федерации До 2020 Года*.

⁵² Original em língua russa: “*Определяющим фактором в отношениях с Организацией Североатлантического Договора останется неприемлемость для России планов продвижения военной инфраструктуры альянса к ее границам и попытки придания ему глобальных функций, идущих вразрез с нормами международного права.*”.

abril, foi assinado o Acordo de Kharkiv, entre a FR e a Ucrânia, o qual estendeu o arrendamento da Base Naval de Sevastopol até 2042 (FEDERAÇÃO RUSSA; UCRÂNIA, 2010). Na Cúpula da OTAN de Lisboa, em novembro, o então Presidente Medvedev esteve presente como convidado. A Declaração do evento afirmava que a aliança estava determinada a construir uma paz duradoura e inclusiva com a FR (OTAN, 2010a).

Os acontecimentos da Segunda Revolução Laranja⁵³ em Kiev desestabilizam novamente as relações. Em fevereiro de 2014, manifestações populares foram reprimidas pelo governo. O então Presidente Viktor Yanukovich foi deposto, sem a sequência constitucional ser totalmente seguida. Um governo interino foi estabelecido e novas eleições convocadas. Sagrou-se vencedor o candidato pró-ocidente Petro Poroshenko (1965-), em 25 de maio. Dias após as manifestações populares, tropas de defesa locais e milícias pró-FR cercaram o acesso terrestre à Crimeia e ocuparam as instalações militares ucranianas, incluindo Sevastopol. A Ucrânia transferiu a sede do Comando das FNU para a Base Naval de Odessa (COHEN, 2019; HAHN, 2018; ROSEFELDE, 2017).

A ação militar na Crimeia não resultou em vítimas e serviu para a propaganda da FR, que defendeu a ação como sendo uma manobra de proteção aos cidadãos russos (EICHLER, 2021). A FR não reconheceu a deposição do Presidente Yanukovich e classificou o evento como um golpe de Estado. Grupos separatistas pró-FR na região do Donbas iniciaram uma revolta⁵⁴ armada contra o governo de Kiev, que perdura pelos anos seguintes. Na Crimeia, um referendo sobre seu estatuto político foi realizado em 16 de março, contestado internacionalmente e pela minoria de etnia tártara residente na península. O resultado apurou que cerca de 97% dos votantes foram favoráveis à integração da Crimeia à FR. O

⁵³ Para aprofundamento na Segunda Revolução Laranja (também conhecida como Euromaidan), recomendamos a obra: SHORE, Marci. *The Ukrainian Night: Na Intimate History of Revolution*. New Haven: Yale University Press, 2018. xxiv, 290 p.

⁵⁴ Ver GLOSSÁRIO.

governo de Moscou reconheceu a validade do plebiscito e, a pedido do parlamento da Crimeia, anexou a península ao território da FR (COHEN, 2019; ROSEFELDE, 2017).

A anexação foi condenada por diversos Estados. A OTAN cortou as relações com a FR. A NUC considerou a anexação ilegítima e afirmou que a OTAN e a Ucrânia intensificariam a cooperação e promoveriam reformas na área de defesa (OTAN; UCRÂNIA, 2014). A Resolução da Assembleia Geral da ONU de 27 de abril, intitulada *Territorial Integrity of Ukraine*, reconhecendo como ilegal o referendo na Crimeia, teve cem votos favoráveis contra onze contrários e 58 abstenções (ONU, 2014).

Eichler aponta que, após a intervenção na Crimeia, toda a discricção dos documentos e pronunciamentos foram ignorados, quando se referiam à ameaça na borda oriental da OTAN. Os textos passaram a ser mais incisivos e avaliavam como ilegal a anexação da península. A Declaração da Cúpula do País de Gales (2014) apresenta aspectos que reforçam a corrida armamentista ocorrida na borda leste da aliança. Para o escopo desta dissertação, destacamos três deles. O primeiro se refere à postura unilateral russa, afirmando que a ação militar na Ucrânia minou a paz, a segurança e a estabilidade. O segundo diz respeito ao reforço da presença militar nos Estados aliados, com o aumento do efetivo da *NATO Response Force (NRF)*⁵⁵. Conforme mencionado no primeiro capítulo, a Estônia, Letônia, Lituânia e Polônia receberam grupamentos operativos multinacionais de pronto emprego. O terceiro foca na presença marítima, ao anunciar a intensificação e expansão das capacidades navais para contribuir para a dissuasão, defesa coletiva e manobra de crises. O componente naval da NFR conta com quatro grupamentos operativos: *Standing NATO Maritime Groups One and Two* (SNMG1 e SNMG2, respectivamente) e *Standing NATO Mine Countermeasures Groups One and Two* (SNMCMG1 e SNMCMG2,

⁵⁵ A NFR é uma força multinacional da OTAN, composta por componentes terrestres, aéreos, navais e por forças de operações especiais que a aliança pode mobilizar rapidamente, sempre que necessário. (OTAN, 2022d).

respectivamente). (OTAN, [2022a]). Em fevereiro de 2015, a aliança estabeleceu o efetivo de toda NFR de cerca de trinta mil soldados (OTAN, 2015).

Na Cúpula de Varsóvia (2016), a aliança declarou que a presença militar da FR no mar Negro representa riscos e desafios para a segurança de seus membros e de outros Estados. O artigo 39 da Declaração da Cúpula evidenciou que: “[...] a dissuasão tem de ser complementada por um diálogo e um compromisso significativos com a Rússia, para procurar transparência recíproca e redução de riscos.” (OTAN, 2016, tradução nossa)⁵⁶. O documento mantém o tom cauteloso ao se referir à FR. Ao mesmo tempo, apela para que deixe de apoiar a revolta armada no Donbas. Também comunica o aumento da interação militar OTAN-Ucrânia e da presença naval no mar Negro. Para Jonathan Marcus⁵⁷ (2018), os Estados da OTAN tinham um dilema: equilibrar o nível de dissuasão e provocação, para tranquilizar os aliados na região do mar Negro e, simultaneamente, não escalar a tensão.

Reafirmando seu compromisso de ser uma aliança defensiva, a quarta e quinta ondas ocorreram nos anos de 2017 e 2020, respectivamente, com a adesão de Montenegro e da Macedônia do Norte.

3.1.3 O incidente no estreito de Kerch

Em maio de 2018, a FR inaugurou uma ponte rodoferroviária entre a Crimeia e o território russo, passando sobre o estreito de Kerch. (ROTH, 2018). A Guarda Costeira russa do *Federal Security Service*⁵⁸ (FSB) passou a inspecionar os navios que navegavam sob essa ponte, demandando ou desatracando de portos ucranianos no mar de Azov. A alegação oficial era evitar sabotagem e instalação de explosivos naquela estrutura. O tempo de espera

⁵⁶ Original em língua inglesa: “[...] *deterrence has to be complemented by meaningful dialogue and engagement with Russia, to seek reciprocal transparency and risk reduction.*”

⁵⁷ Jonathan Marcus é jornalista, Ph.D. pela *Leeds University*, Analista de Defesa

⁵⁸ Do original, em língua russa: *Федеральная Служба Безопасности Российской Федерации.*

médio para passagem pelo estreito, que era de 5 a 7 horas, passou para 80 a 115 horas. Entretanto, em outubro, os atrasos foram reduzidos, após dois Navios-Patrolha ucranianos da Classe “Gyurza-M” começarem a realizar exercícios pelo mar de Azov. Ainda naquele mês, as FNU impediram as ações da Guarda Costeira russa sobre navios mercantes em duas ocasiões (KLYMENKO; GUCHAKOVA; KORBUT, 2022).

A tensão entre russos e ucranianos enfrentou nova escalada quando, em 25 de novembro de 2018, nas proximidades do estreito de Kerch, a Guarda Costeira do FSB interceptou e apresou três navios das FNU e suas tripulações: os Navios-Patrolha “Berdyansk”, “Nikopol” e o Rebocador “Yany Kapu”. Eles navegavam do mar Negro para o mar de Azov. O acontecimento foi seguido de uma disputa de narrativas. De acordo com a FSB, os navios teriam entrado ilegalmente em águas territoriais russas e não atendido à ordem de parada. Do lado ucraniano, houve o protesto pelo não cumprimento da CNUDM e do Acordo de 2003 (BODNER, 2018; OSBORN; POLITYUK, 2018).

Esse foi um ponto de inflexão na relação entre russos e ucranianos, pois era a primeira vez que um enfrentamento de forças regulares havia acontecido. Até então, a FR não reconhecia que os embates na região eram oficialmente entre os Estados. No caso da intervenção na Crimeia, existia a alegação oficial de que a ação fora realizada por milícias locais e sua anexação só reconhecida após o referendo. Mesmo contestada, a ação foi construída sob um palco no qual a FR não tivera a iniciativa das ações. Paralelamente, a revolta armada no Donbas não era oficialmente apoiada pelo governo de Moscou, embora existisse a acusação internacional de que estava sendo financiada com o envio de armas e recrutamento. O Secretário-Geral da OTAN Jens Stoltenberg declarou que o episódio “[...] foi muito sério porque vimos que, na verdade, a Rússia usou força militar contra a Ucrânia, de

forma aberta e direta.” (OTAN-Secretário-Geral, 2018, tradução nossa)⁵⁹. Adicionalmente, cobrou da FR que conceda à Ucrânia a liberdade de navegação no mar de Azov.

Essa mudança de paradigma refletiu nos documentos emitidos por ambos os Estados e pela OTAN. Em 2020, a Ucrânia aprovou uma nova Estratégia Nacional de Segurança⁶⁰, que visava à adesão plena à OTAN, em função de o que o documento define como agressão da FR ao seu território no Donbas e à ocupação ilegal da Crimeia. Na Cúpula de Bruxelas (2021b), em julho de 2021, a aliança afirma que não há como retornar à mesa de negociações enquanto a FR não demonstrar conformidade com as leis internacionais.

3.2 A ATUAÇÃO DAS FORÇAS DE SUPERFÍCIE DA OTAN NO MAR NEGRO

Desde a anexação da Crimeia, o mar Negro presenciou um incremento de exercícios militares capitaneados pela OTAN (FIG. 6 – ANEXO E). Entre 2009 e 2013, a média anual de navios militares de Estados membros da OTAN que operaram no mar Negro foi aproximadamente 11 navios por ano⁶¹. A partir de 2014, essa média subiu para cerca de 24, mais que o dobro⁶². Nos anos de 2014 e 2021, foram 31 navios, valor que não era atingido desde 1998, quando 36 navios operaram naquela região marítima. Os EUA foram os que mais enviaram navios de guerra para o mar Negro, seguidos da França. De 2014 a 2021, os EUA e França enviaram, respectivamente, 71 (39,70%) e 28 (14,66%) dos 191 meios navais de superfície que operaram naquela região. Esse acréscimo também foi acompanhado do aumento da permanência naval da OTAN no mar Negro (FIG. 7 – ANEXO F). O número de dias no ano em que aquela região marítima esteve guarnecida, com navios de guerra da

⁵⁹ Original em língua inglesa: “[...] was very serious because we saw actually that Russia used military force against Ukraine, in an open and direct way.”.

⁶⁰ Do original, em língua ucraniana: *Стратегію Національної Безпеки України*.

⁶¹ Conforme já mencionado, o cômputo se refere aos Estados que não são banhados pelo mar Negro.

⁶² Dados computados até 2021.

aliança, saltou de 120 para 226, no período de 2016 a 2021 (BLACK SEA INSTITUTE OF STRATEGIC STUDIES, 2021).

A MFR possui a superioridade numérica de meios navais entre os Estados lindeiros ao mar Negro. A Esquadra russa possui 38 navios de escolta do porte de Fragatas e Corvetas (quatorze lançadoras de mísseis) e seis navios de desembarque. Adicionalmente, conta com seis submarinos (BLACK SEA FLEET, 2022). Importa ressaltar que a MFR possui outras três Esquadras que, em caso de necessidade, poderiam desdobrar meios navais para o mar Mediterrâneo. Dentre as Marinhas do mar Mediterrâneo, nenhuma possui tamanha quantidade de meios para rivalizar com a MFR.

Continuando este trabalho, abordaremos uma quantidade de seis episódios envolvendo navios de membros da OTAN, que tiveram implicação no nível político-estratégico⁶³. Em seguida, discorreremos sobre as atuações da FR, até a decisão do Presidente Vladimir Putin de enviar tropas armadas para o Donbas.

3.2.1 Operação *Sea Shield* 2019 (abril de 2019)

Como primeiro episódio a ser analisado, a Operação *Sea Shield* 2019 foi realizada no período de 5 a 13 de abril e liderada pela Romênia. Pertencente à série de exercícios anuais *Sea Shield*, visava à interoperabilidade entre os aliados no mar Negro. Envolveu mais de vinte navios e cerca de dois mil militares e civis da Bulgária, Canadá, Grécia, Holanda, Romênia e Turquia. Cinco desses navios eram componentes da NFR, do SNMG2 (OTAN, 2019c). Foram empregados cinco escoltas do porte de Fragata. O planejamento dessa operação foi contemplada em um pacote de medidas de reação ao incidente em Kerch, para

⁶³ Outras operações navais foram indetificadas, porém possuem menos relevância para o propósito deste trabalho, como *Coherent Resilience 2020*, *Defender 2020*, *Poseidon 2020*, *Sea Shield 2021* e *Steadfast Defender 2021*. Nesse sentido, não serão abordadas neste estudo.

manter a presença, compartilhar informações e melhorar a consciência situacional no mar Negro (OTAN-Secretário-Geral, 2019b; UNIAN.NET, 2019). O exercício foi ambientado em um cenário fictício para o planejamento e condução de resposta a crises, realizando ações de CRO. Dentre os portos visitados, encontravam-se Odessa, na Ucrânia (NAVALTODAY, 2019; ROMÊNIA, 2019).

3.2.2 Operação *Breeze/Sea Breeze*⁶⁴ 2019 (julho de 2019)

Como segundo episódio de análise, a Operação *Breeze/Sea Breeze* 2019 foi uma edição anual da maior operação naval da OTAN mar Negro, medida em número de pessoal e meios empregados. Realizada no mês de julho, envolveu 32 navios e mais de três mil militares e civis de 21 Estados. Dentre eles, EUA, Geórgia, Letônia, Lituânia, Reino Unido, Turquia e Ucrânia, além dos grupamentos SNMG2 e SNMCMG2 (EUA, 2019a; GLOBAL SECURITY, 2021b; OTAN, 2019a). Foi planejada para aumentar a interoperabilidade entre os participantes e fortalecer a segurança regional. A porta-voz da Sexta Esquadra afirmou que o exercício serviu para dissuadir quaisquer agressões (OTAN, 2019a, c; UMayAM, [2019] apud MCLEARY, 2019)⁶⁵. A parcela marítima *Sea Breeze* compreendeu exercícios com a Ucrânia, como forma de mostrar apoio àquele Estado (GLOBAL SECURITY, 2021a).

Na operação, ocorreu um evento que se tornou frequente a partir de 2019 e que foi chamado por Klymenko⁶⁶ (2020c) de guerra de exercícios. Uma das áreas marítimas planejadas para a comissão, a oeste do mar territorial⁶⁷ (MT) da Crimeia, foi interdita pela FR. Foi emitido um alerta internacional de perigo à navegação para realização de tiro. Isso

⁶⁴ As Operações *Breeze/Sea Breeze* se diferenciam pela quantidade de Estados envolvidos e pelos organizadores. A Bulgária é organizadora da operação *Breeze* e os EUA e a Ucrânia organizam a operação *Sea Breeze*. Nesta dissertação, estão sendo consideradas como um único episódio (OTAN, 2021c).

⁶⁵ UMayAM, Amelia. [E-mail to Paul Mclary as Sixth Fleet Spokesperson], [Naples], [2019].

⁶⁶ Adrii Klymenko é jornalista e autor de estudos militares especializados na Crimeia e no mar Negro.

⁶⁷ Ver GLOSSÁRIO.

fez com que os aliados refizessem o planejamento, sem contar com aquela área. Durante o decorrer da operação, em 10 de julho, o Contratorpedeiro russo “Smetlivy” efetivamente esteve realizando exercícios na região. Após a operação, a FR interditou, ao todo, cinco áreas marítimas, sob justificativa de utilizá-las para exercícios militares. Essas áreas cobriam cerca de um quarto da superfície do mar Negro, chegando a incluir a Zona Econômica Exclusiva⁶⁸ (ZEE) da Bulgária e da Romênia (FIG. 8 – ANEXO G) (GONCHAR, 2019; KLYMENKO, 2020b).

3.2.3 Operação do USS “Ross” no mar Negro (dezembro de 2019 e fevereiro de 2020)

Como terceiro episódio, em dezembro de 2019, o Contratorpedeiro USS “Ross”, operando pela Sexta Esquadra da *U.S. Navy*⁶⁹, realizou uma ação de presença no mar Negro, tendo visitado o porto de Odessa, entre os dias 24 e 27 de dezembro de 2019 (EUA, 2019b). Durante a navegação, dois incidentes entre forças russas e norte-americanas foram notificados. No início do mês, o Contratorpedeiro foi acompanhado pela Corveta “Vyshniy Volochyok” e, no dia 23, dois bombardeiros Su-24, escoltados por aeronaves de interceptação Su-27, realizaram um sobrevoo aproximado, simulando uma operação de ataque sobre o navio (FELLER, 2019).

Em 21 de fevereiro de 2020, houve nova sobreposição de áreas de exercício de tiro. Desta vez, envolveu a MFR e as FNU, nas proximidades do golfo de Karkinitzka (FIG. 9 – ANEXO H). No dia 23, o USS “Ross” retornou ao mar Negro, para realizar operações que visavam à segurança marítima, garantia da estabilidade regional e da liberdade de navegação (EUA, 2020b). O USS “Ross” conduziu exercícios com a Turquia, Romênia e Bulgária, aprimorando a interoperabilidade entre as forças (ARCHUS, 2019; KLYMENKO, 2020c).

⁶⁸ Ver GLOSSÁRIO.

⁶⁹ A Sexta Esquadra (do original: *US Naval Forces Europe-Africa/US Sixth Fleet*) é sediada em Nápoles, Itália.

3.2.4 Operação *Sea Breeze* 2020 (julho de 2020)

O quarto episódio envolveu os meios da Operação *Sea Breeze* 2020, realizada entre 20 e 26 de julho. O exercício foi coordenado pelos EUA e pela Ucrânia. Tinha como propósito fortalecer a cooperação entre os aliados e manter a estabilidade no Mar Negro. Foi planejado para transmitir uma mensagem de confiança aos Estados aliados, para manter a região do mar Negro livre e segura à navegação. Envolveu 27 navios e mais de dois mil militares e civis de oito Estados participantes: Bulgária, EUA, Noruega, Romênia, Espanha, Geórgia, Turquia e Ucrânia. Neste ano, a parcela *Breeze*, coordenada pela Bulgária não ocorreu. (EUA, 2020a; OTAN, 2020).

Em 20 de julho, dia em que foi iniciada a operação, o Presidente Putin visitou a Crimeia, para o lançamento de dois navios anfíbios, em Kerch. Em 21 de julho, foi realizada uma parada naval com navios da MFR nas proximidades de Sevastopol (KLYMENKO, 2020c).

Um novo incidente da guerra de exercícios ocorreu nesta operação. Em 6 de julho, as FNU emitiram seis avisos para interditar as áreas necessárias à OTAN. No entanto, esses avisos não foram publicados pela Espanha, coordenador da NAVAREA⁷⁰ III, que engloba o mar Negro. Em 12 e 13 de julho, foram emitidos outros avisos aos navegantes, agora pela MFR. Estes foram publicados pelo coordenador da NAVAREA III. Eles interditavam cinco áreas marítimas no período da operação, sobrepondo-se aos sinais da FNU. A Ucrânia protestou pela publicação de seu alerta costeiro, que foi então cumprido pela Espanha (FIG. 10 – ANEXO I) (KLYMENKO, 2020c).

Em 21 de julho, enquanto os navios da OTAN realizavam exercícios nas regiões protestadas, o Navio-Patrolha “Bezuprechnyy”, da Guarda Costeira da FSB, divulgou um

⁷⁰ Ver GLOSSÁRIO.

alerta marítimo, informando que os meios da aliança navegavam sobre área proibida. Adicionalmente, não se responsabilizava por danos causados por exercícios da artilharia naval russa e que a presença dos navios representava um ato provocativo. O aviso foi recebido pelo grupamento naval aliado, nucleado na Fragata espanhola ESPS “Alvaron de Banzanmas”, que não o cumpriu. Porém, não ocorreu o confronto (KLYMENKO, 2020c).

3.2.5 Movimentação do HMS “Defender” (junho de 2021)

Como quinto episódio, em 23 de junho, durante navegação do porto de Odessa para a Geórgia, o Contratorpedeiro britânico HMS “Defender” adentrou no MT da Crimeia, tendo navegado a cerca de 10 milhas náuticas (MN) das proximidades de Sevastopol (FIG. 11 – ANEXO J). Diferentes versões foram declaradas pela FR e pelo Reino Unido.

Segundo a FR, o navio não teria respondido à fonia para afastar-se da região, reivindicada pelo Estado russo como seu MT. Um navio da Guarda Costeira do FSB disparou tiros de advertência e mais de vinte aeronaves haviam decolado para acompanhar o navio. Um caça Su-24M teria lançado bombas sobre a trajetória do HMS “Defender” (BEALE, 2021; GLOBAL SECURITY, 2021a). O embaixador britânico foi convocado para prestar esclarecimentos (OTARASHVILI, 2021).

Em 30 de junho, o Presidente Putin (2021c) declarou, em rede nacional, que o incidente envolvendo o Contratorpedeiro HMS “Defender” foi um ato de provocação do Reino Unido e dos EUA para levantar as capacidades militares da FR na Crimeia. Complementou que se as forças russas tivessem afundado o navio britânico, isso não teria desencadeado um conflito armado. Segundo ele, o Ocidente sabe que não pode vencer uma eventual guerra com os russos. O então Vice-Ministro das Relações Exteriores da FR, Sergei Ryabkov (1960-) informou que os riscos de um conflito militar na região poderiam aumentar

ainda mais (RYABKOV, [2021] *apud* TASS, 2021)⁷¹.

Em réplica, o Reino Unido declarou que o HMS “Defender” não foi alvejado e que estava navegando em águas legalmente ucranianas, exercendo seu direito de passagem inocente⁷². O então Primeiro-Ministro britânico Boris Johnson (1964-) adicionou que o Reino Unido não reconhece a anexação da Crimeia pela FR (BBC NEWS, 2021a, c).

O incidente aumentou as tensões entre a FR e os membros da OTAN e ocorreu poucos dias antes da Operação *Sea Breeze* 2021, o maior exercício naval da aliança no mar Negro, desde o incidente em Kerch (VOICE OF AMERICA, 2021). No dia da ocorrência, mais dois navios da OTAN encontravam-se navegando no mar Negro, o Contratorpedeiro USS “Laboon” e a Fragata holandesa HNLMS “Evertsen”. A Holanda registrou que, no dia anterior ao incidente com o HMS “Defender”, sua Fragata havia sido interceptada por aeronaves russas realizando exercícios de ataque simulado, em outro comportamento considerado agressivo (REUTERS, 2021).

3.2.6 Operação Breeze/*Sea Breeze* 2021 (julho de 2021)

O sexto episódio foi a edição de 2021 da Operação *Sea Breeze*, realizada de 28 de junho a 10 de julho e contou com 32 navios e cerca de cinco mil civis e militares de 32 Estados. Além dos aliados da OTAN, esta edição contou com a participação de meios e observadores de Estados que não operavam comumente no mar Negro, como Coreia do Sul, Japão, Paquistão, Senegal e Suécia. Tal quais as demais operações, visava a melhorar a interoperabilidade entre as unidades, mostrar a presença e aumentar a consciência situacional (GLOBAL SECURITY, 2021a; OTAN, 2021c, d, f; RADIO FREE EUROPE/RADIO LIBERTY, 2021). Em seguida, no período de 11 a 19 de julho, foi iniciada a Operação *Breeze*

⁷¹ RYABKOV, Sergey. [Interview for International Affairs about HMS Defender]. Moscow, [2021].

⁷² Ver GLOSSÁRIO.

2021.

A FR solicitou o cancelamento do exercício e informou que responderá por quaisquer ameaças a sua segurança (GLOBAL SECURITY, 2021a). Realizou, então, uma mobilização de sistemas de defesa aeroespacial na Crimeia, com aeronaves, como o caça Su-24M, e os sistemas de mísseis antiaéreos S-400 *Triumf* e *Pantsir* (DIXON, 2021).

3.3 A REAÇÃO DAS FORÇAS ARMADAS RUSSAS E A ESCALADA DA CRISE

O mar Negro também presenciou o aumento das atividades navais da MFR. Após o incidente em Kerch, este trabalho identificou quatro frentes de atuação das forças armadas russas: inspeção do tráfego mercante no estreito de Kerch; negação de uso do mar, por meio de ativação de áreas perigosas à navegação; desdobramento⁷³ de navios sediados em outros Comandos navais; e realização de exercícios militares. As duas primeiras foram abordadas anteriormente, juntamente com as operações da OTAN. Esta seção apresentará como a FR movimentou um aparato militar que não era visto desde a época da ex-URSS.

Em 10 de julho de 2019, em plena Operação *Breeze/Sea Breeze* 2019, uma aeronave supersônica Tu-22M3 simulou um bombardeio ao porto de Odessa, aproximando-se a cerca de 32 MN. Em janeiro de 2020, um grupamento naval composto por quarenta navios, um submarino e mais de quarenta aeronaves das Esquadras do mar Negro e do Norte⁷⁴ se concentrou nas proximidades da Crimeia. O próprio Presidente Putin encontrava-se embarcado no navio capitânia, o Cruzador “Marechal Ustinov”⁷⁵ para acompanhar os exercícios (KLYMENKO, 2020a).

Em 17 de julho de 2020, dias antes da Operação *Sea Breeze* 2020, navios e tropas

⁷³ Ver GLOSSÁRIO.

⁷⁴ A Esquadra do Norte da MFR é sediada em Severomorsk, no Distrito de Murmansk.

⁷⁵ Do original, em russo: *Маршал Устинов*.

russas foram acionados em regime de prontidão para o combate, a nível nacional. A operação envolveu mais de 150.000 militares e mais de quatrocentas aeronaves e cem navios. Nas proximidades do mar Negro, foram empregados cerca de três mil militares e mais de 300 meios de combate navais, de fuzileiros navais, aéreos e terrestres (TASS, 2020). Após o exercício, parcela das tropas e equipamentos não foram desmobilizados, mantendo-se na fronteira oeste russa (DIXON, 2021).

Em abril de 2021, três meses antes do incidente com o HMS “Defender” e da Operação *Breeze/Sea Breeze 2021*, a FR encenou outra escalada militar, na Crimeia e na fronteira com a Ucrânia. A medida foi vista como um grande ato de agressão por líderes norte-americanos e europeus, incluindo a Ucrânia. Maia Otarashvili⁷⁶ (2021) afirmou que, embora a FR tenha alegado que este era um exercício militar, estava demonstrando seu poder e prontidão, caso o Ocidente decidisse apoiar militarmente a Ucrânia. Perguntado se haveria algum diálogo com o Presidente ucraniano Volodymyr Zelensky (1978-), em 30 de junho de 2021, o Presidente Putin (2021c) questionou que não haveria o que conversar, pois as decisões de seu governo eram tomadas em Washington, Paris e Berlim.

Em setembro de 2021, uma nova mobilização de tropas foi concentrada na fronteira oeste russa e em Belarus, na Operação Zapad 2021, que envolveu cerca de 200.000 militares (FEDERAÇÃO RUSSA, 2021b) O Presidente norte-americano Joe Biden (1942-) disse que não aceitaria que a FR cruzasse o que chamou de uma linha vermelha na ofensiva contra a Ucrânia (TROIANOVSKI; SANGER, 2022).

3.3.1 O fim das negociações

Em 13 de dezembro, o Presidente Putin afirmou que os EUA fomentavam

⁷⁶ Maia Otarashvili é uma pesquisadora especializada no Cáucaso e mar Negro.

tensões crescentes no mar Negro, ao alertar os aliados europeus sobre o risco de um possível ataque russo na Ucrânia (FEDERAÇÃO RUSSA-Presidente, 2021 *apud* RADIO FREE EUROPE/RADIO LIBERTY, 2021)⁷⁷. A FR exigiu garantias de que a Ucrânia não se tornaria membro da OTAN e que a aliança deveria reduzir o aparato militar (tropas e pessoal) na Europa Oriental, sob ameaça de uma resposta militar na Ucrânia. A alegação oficial da FR era a intervenção na revolta armada no Donbas, nas províncias de Donetsk e Luhansk que reivindicavam independência. No início de 2022, essa revolta já causara mais de 13.000 mortes. (HERNANDEZ, 2022). A OTAN rejeitou as exigências e os EUA advertiram a FR com a ameaça de sanções rápidas e severas, porém sem o envio de tropas para defender a Ucrânia. (CROWLEY; WONG, 2022). Em fevereiro de 2022, a quantidade de militares nas proximidades da Ucrânia era de cerca de 190.000 (ROTH; BORGER, 2022).

Em apoio aos grupos separatistas no Donbas, em 21 de fevereiro, a FR reconheceu oficialmente a República Popular de Donetsk e República Popular de Luhansk como Estados independentes (VOICE OF AMERICA, 2022). No mesmo dia, o Presidente Putin (2022b) falou à população, com mensagens claras a alguns grupos externos. Quando se referia à Ucrânia, alternava um tom afável, aos favoráveis à FR, com outro tom agressivo, aos pró-Occidente. Por um lado, se referia ao povo ucraniano como parte inalienável da própria história e cultura russas. Por outro, dizia que a FR está pronta para mostrar o que realmente significa a descomunização⁷⁸ da Ucrânia. Uma passagem de destaque no pronunciamento é quando o Presidente fala que a Ucrânia: “[...] nunca teve tradições estáveis de um Estado real” (FEDERAÇÃO RUSSA-Presidente, 2022b, tradução nossa)⁷⁹. Sobre a OTAN, Putin cita a aliança quarenta vezes. Declarou que ela tem permanecido

⁷⁷ FEDERAÇÃO RUSSA. Presidente (2012-: Vladimir Putin). [Putin’s statement]. 2021.

⁷⁸ Ver GLOSSÁRIO.

⁷⁹ Original em língua inglesa, disponibilizado pelo sítio do Governo da FR na internet: “[...] *never had stable traditions of real statehood.*”.

constantemente no território ucraniano, sob o pretexto de realizarem exercícios militares e que isso é uma ameaça direta à segurança da FR. O Presidente lembrou-se das garantias que a aliança havia feito à FR e que não foram cumpridas, em seu ponto de vista.

Em uma reunião extraordinária da NUC, o Secretário-Geral Stoltenberg (2022f) declarou que o reconhecimento das Repúblicas separatistas violou o DI e que a mobilização militar russa desestabiliza os esforços de uma solução diplomática. Informou que 120 navios da aliança estavam no mar naquele instante, do Norte da Europa ao mar Mediterrâneo.

Tendo encerrado as negociações, na manhã de 24 de fevereiro, a FR anunciou que estava iniciando o que foi chamada de uma operação militar especial no Donbas. As tropas estacionadas na fronteira iniciaram uma ofensiva sobre a Ucrânia (FEDERAÇÃO RUSSA- Presidente, 2022c).

3.4 CONCLUSÕES PARCIAIS

Este capítulo formulou a base histórica o estudo da a crise que vivenciou a Europa Oriental e a região do mar Negro. Desde a década de 1990, a OTAN alternava movimentos de aproximação e afastamento com a FR, à medida que aquele Estado reagia às ondas de expansão da aliança. Vimos como a OTAN, por meio de sua força naval, esteve inserida na história recente da Ucrânia. Acompanhamos a escalada das tensões e o emprego dos meios de superfície de Estados da OTAN como forma de garantir a proteção da região do mar Negro e evitar que a FR viole o direito de liberdade de navegação. Os exercícios envolviam Estados que a FR já tinha sinalizado que não permitiria que aderissem à OTAN: Ucrânia e Geórgia.

No capítulo seguinte, confrontaremos os elementos da crise (capítulo 1) e a teoria Geoffrey Till (capítulo 2), com as manobras navais da OTAN no mar Negro (capítulo 3).

4 A CRISE RUSSO-UCRANIANA E A DIPLOMACIA NAVAL DA OTAN

Dividimos este capítulo em duas seções. Iniciaremos recordando os quatro aspectos do elemento de crise (seção 2.1, alíneas *a* a *d*) para identificá-los no contexto entre a FR e a Ucrânia. Recorreremos aos aspectos históricos para buscar o embasamento necessário. Em seguida, faremos o confronto da teoria de Geoffrey Till com os seis episódios das forças de superfície da OTAN. Ao final, apresentaremos as conclusões parciais.

4.1 RECONHECENDO OS ELEMENTOS DA CRISE RUSSO-UCRANIANA

A aproximação da Ucrânia com a OTAN foi, desde o início, algo não desejado pelas elites russas. Movimentos anti-FR, com parcela da população contrária a essa visão, criavam uma disputa interna que reverberava no território russo. Os laços históricos e consanguíneos dos povos e a questão da segurança territorial russa contra uma ameaça de agressão percebida por aquelas elites contribuía para afetar a crise.

Com isso, iniciaremos com o elemento da seção 3.2, alínea *a*: “é um contexto social pertencente ao espectro internacional do conflito, situado em uma fase de tensão entre a paz e o conflito armado (guerra)”. No momento em que a Ucrânia se tornou independente, a fase de tensão foi iniciada. Primeiro, porque surgia um Estado independente etnicamente dividido. Segundo, seu território continha a Crimeia, que abrigava a Esquadra da ex-URSS no mar Negro. Terceiro, a população pró-FR estava mais concentrada na fronteira do Estado ao qual outrora pertencia. Os acontecimentos que se seguiram nos anos seguintes, circularam em torno desses três problemas, causando a intervenção da OTAN e da UE, a anexação da Crimeia e uma revolta armada no Donbas.

O elemento da seção 3.2, alínea *b*, descreve que “demanda um movimento

coordenado (manipulação do risco), a fim de regredir a crise a um estado de paz que traga uma vantagem para negociar”. Este trabalho apresentou momentos nos quais houve tentativas de regressão da crise, por parte da FR e da OTAN, para que o risco de guerra fosse reduzido. Entretanto, falhavam em função da falta de confiança entre as partes ou por situações que saíam do controle. Por cinco vezes as relações FR e Ucrânia-OTAN estavam estabilizadas e uma ação de um dos atores ou um fator externo a desestruturava. Esses eventos ocorreram: em 1999, após a primeira onda de expansão da OTAN; em 2004, após a Primeira Revolução Laranja; em 2008, na Guerra Russo-Georgiana; em 2014, após a Segunda Revolução Laranja e anexação da Crimeia; e em 2018, após o incidente em Kerch. Após 2014, a situação ainda era administrável, quando, na Cúpula de Varsóvia, em 2016, a OTAN chamava a FR ao diálogo. Após o incidente em Kerch, o tom dos documentos e pronunciamentos foi alterado e o estado de tensão elevado.

O terceiro elemento, da seção 3.2, alínea *c*, versa que: “a situação tem implicações no nível político-estratégico, pois congrega ações que visam a um propósito maior do que aquele que se apresenta na cena de ação”. Vimos que o desenvolvimento da crise causava reações diretas das lideranças políticas e das estratégias de negociação. A escalada ou arrefecimento dessa crise eram por eles conduzidas. O incidente em Kerch e com o HMS “Defender” foram exemplos de eventos que ocorreram no nível operacional-tático, mas tiveram impacto direto no nível político-estratégico, com o pronunciamento de Chefes de Estado e de Governo e do Secretário-Geral da OTAN.

O quarto elemento, presente na seção 3.2, alínea *d*, mostra que a crise: “evolui para o conflito armado, quando falham as tentativas de negociação”. Vimos que tratados e acordos foram assinados, a fim de dar garantia internacional de cooperação e paz. Contudo, ambas as partes só estavam escalando mais a crise. Se, por um lado, a entrada da Ucrânia na

OTAN representava um avanço inaceitável para os russos, por outro, tolher a iniciativa de Estados candidatos à adesão e as violações ao DI na Crimeia também eram inaceitáveis para a OTAN. Vimos que desde o início da década de 1990, foram dadas garantias à FR de que a OTAN não apresentaria uma ameaça a seu território. Essas garantias, sob o ponto de vista russo, não foram cumpridas e, 31 anos depois, estiveram no discurso do Presidente Putin. A OTAN, por sua vez, disse que isso é um mito, pois ela é uma aliança defensiva e que seus exercícios e desdobramentos não são direcionados contra a FR (OTAN, 2021e). A OTAN também divulgava, desde a edição do *Study on NATO Enlargement*, de 1995, que esferas de influência de poder não eram aceitáveis na Europa. Em 2008, na Cúpula de Bucareste, a aliança declarou que a adesão a novos membros compete somente a ela.

Assim, percebemos que as negociações, na verdade, não estavam contribuindo para resolver o problema maior que Stewart vislumbrou: a FR não aceitava que parcela dos ucranianos queriam se ver livres das raízes russo-soviéticas. Isso ficou evidente no discurso do Presidente Putin. Essa parcela estava no poder naquele instante, e representava o Estado, e o Estado era favorável à adesão da OTAN. Contudo, a crise atingiu tal ponto, que o Presidente Putin já não achava frutífero um diálogo com o Presidente Zelensky. Além disso, por mais que a OTAN advogue que seus propósitos são defensivos, qualquer contenda armada com uma Ucrânia afiliada, acionaria diretamente o art. 5º, invocando a defesa coletiva. Todos seriam obrigados a defendê-la. Imaginemos isso no incidente em Kerch. Assim, as tentativas de negociação falharam e foi rompida a fase de crise, iniciando o conflito armado em 24 de fevereiro de 2022.

4.2 AS MOVIMENTAÇÕES DAS FORÇAS DE SUPERFÍCIE E A DIPLOMACIA NAVAL

Faremos a verificação a partir da análise individual das missões navais da OTAN

para, ao final, fazer uma análise do conjunto das forças de superfície.

Iniciando com o primeiro episódio, a *Operação Sea Shield 2019* (seção 3.2.1), vimos que ela foi realizada quatro meses após o incidente em Kerch, quando o grau de tensão estava elevado no mar Negro. Este trabalho avaliou, à luz dos propósitos das missões navais de Geoffrey Till, que esta missão teve componentes de: **Presença** (espectro competitivo), ao mostrar bandeira após o evento de Kerch; **Construção de cenário** (sem tendência), pois tinha como meta o compartilhamento de informações e a verificação da consciência situacional; e **Construção de aliança**, para reafirmar a união da OTAN com os membros do mar Negro participantes.

Na *Operação Breeze/Sea Breeze 2019* (seção 3.2.2), verificamos a disputa entre as forças na questão das regiões marítimas interditas. Os planejadores optaram por modificar a área do exercício e evitar o confronto, permitindo à MFR a liberdade de movimento na região. Dos propósitos de Geoffrey Till, foram identificados elementos de: **Construção de aliança**, em função dos objetivos da operação, que vinculavam a interoperabilidade e o apoio à Ucrânia; e de **Coerção/Dissuasão**, na medida em que a Sexta Esquadra afirmou que o exercício foi concebido para dissuadir quaisquer agressões.

Com relação às operações do Contratorpedeiro USS “Ross” (seção 3.2.3), foi verificado que essas movimentações tinham como propósito evidenciar a presença contínua da *US Navy*, a liberdade de navegação e a interoperabilidade. Em dezembro de 2019, ocorreu um encontro de forças, com simulações de ataque ao navio, por parte de aeronaves russa, porém sem haver disparo de armamento. À luz da teoria de Geoffrey Till, foram identificados elementos de: **Presença** (sem tendência), pois a postura do navio não foi de enfrentamento às atividades das forças russas e **Construção de aliança**.

A *Operação Sea Breeze 2020* (seção 3.2.4) se diferenciou da edição de 2019 pelo

fato de ser realizada em um ambiente de mais tensão. Duas semanas antes da operação, houve a simulação do bombardeio de Odessa e, após ela, a FR realizou o exercício de mobilização geral de tropas. O exercício visava à segurança da navegação nas áreas sobrepostas. A OTAN e as FNU não desativaram a área reservada para o exercício, em um ato dissuasório de demonstração de força. Durante a operação, houve a tentativa de interrogação do Navio-Patrolha da FSB à Fragata ESPS “Alvaron de Banzanmas”. A força-tarefa nucleada na Fragata era superior às capacidades no navio russo. Assim, na operação, foram identificados elementos de: **Presença**, (espectro competitivo), **Construção de cenário** (sem tendência), pois serviram de coleta de informações ao navegar na área que a FR reservou para o exercício e **Coerção/Dissuasão**, pois, em uma atitude passiva, usaram de seu poder de combate superior para não cumprir a ordem do Navio-Patrolha.

A Operação do USS “Defender” (seção 3.2.5) escalou mais um nível de tensão, pois o navio navegou pelo MT da Crimeia e esta foi a operação na qual a FR alegou ter dado tiros de advertência. A operação intencionalmente mostrou a presença do navio, ao declarar seu não reconhecimento da posse russa sobre a Crimeia e testar as ações defensivas russas. Nesse sentido, foram encontrados componentes dos propósitos de **Presença** (espectro competitivo) e **Construção de cenário** (espectro competitivo). Apesar das versões conflitantes dos fatos e do não reconhecimento da ONU sobre a posse da Crimeia russa, o HMS “Defender” buscou o enfrentamento ao passar nas proximidades de Sevastopol. Assim, essa operação também possui elementos do propósito **Coerção/Dissuasão**.

Como última operação analisada, *Breeze/Sea Breeze 2021* (seção 3.2.6), contou com a maior participação de Estados e de Navios, em relação às anteriores, em números absolutos. Ocorreu em um momento de mobilização de tropas e navios no mar Negro pela FR e após sucessivas interdições de área. Com o aumento de Estados participantes e

consoante à Cúpula de Bruxelas, realizada durante a Operação *Breeze*, as negociações estavam no ápice de atingirem um ponto de não-retorno. Dessa forma, à luz da **Diplomacia Naval**, esta Operação possui elementos de **Presença** (espectro competitivo), **Construção de cenário** (espectro competitivo), **Construção de aliança** e **Coerção/Dissuasão**.

Analisadas as seis operações navais da OTAN, percebemos que houve uma evolução da concentração de propósitos, do espectro cooperativo para o competitivo. A FIG. 1 (APÊNDICE A) elucida como essa tendência pôde ser percebida, sobreposta à ilustração das missões de Diplomacia Naval do professor Till.

4.3 CONCLUSÕES PARCIAIS

Em relação às missões navais, podemos atribuir três linhas de raciocínio a essa tendência que levou ao espectro competitivo. Primeiro, durante a Operação *Sea Breeze* 2019, as interdições de área nos exercícios da OTAN eram uma tática recém-adotada pela FR. Inicialmente, a atitude da aliança, foi de evitar o confronto. À medida que as interdições passaram a ser mais frequentes e englobar a ZEE de outros Estados, a postura das forças navais da OTAN alterou. Segundo, houve um considerável aumento do número de meios navais da OTAN que não estavam realizando as operações padronizadas do calendário anual, como o USS “Ross”. Terceiro, a atitude intencional do HMS “Defender”, que testou a reação russa, ao adentrar no MT da Crimeia.

Em adição, Till pontua duas considerações sobre a Diplomacia Naval: a primeira diz respeito à difícil comprovação do seu sucesso e da certificação precisa de quando ela falha. As manobras de crise das forças da OTAN visavam a um propósito claro: dissuadir a FR a desistir de impor uma esfera de influência geopolítica no mar Negro e em alguns estados pós-soviéticos. Isso foi demonstrado, por exemplo, na Declaração da Cúpula do País de Gales,

em 2014, quando foi criada a NRF e seus grupamentos navais, que atuaram nas operações desde então. Contudo, os planejadores da OTAN ignoraram que os russos davam sinais de que não iam abdicar daquilo que seus documentos oficiais tratavam como ameaça: a presença da aliança cercando suas fronteiras. A Guerra Russo-Georgiana e a anexação da Crimeia poderiam ter dado o alerta às autoridades Ocidentais de que essa forma de contornar a crise não seria efetiva. Por outro lado, a dissuasão russa, qualificada como agressiva por alguns analistas, não transmitia uma mensagem de pacificação.

Outro tópico que Till defende é que a Diplomacia Naval é apenas parte de um todo, que envolve o esforço diplomático. Por mais que as missões navais tenham evoluído para o espectro competitivo, elas não podem ser verificadas isoladamente. Primeiro, por todo o contexto histórico que envolveu a tríade FR-Ucrânia-OTAN, que vai além das operações navais, abrangendo questões étnicas, religiosas e geopolíticas. Segundo, porque o mar Negro é apenas um dos teatros de operação. Outras missões navais também ocorriam no mar Báltico, com as forças da OTAN e da Esquadra do Báltico. Terceiro, que as ações também estavam sendo executadas em outras expressões do Poder Nacional, como na esfera econômica, quando da aplicação de sanções à FR, que não foram escopo deste trabalho. Quarto, o perfil decisório dos líderes e como estes reagiam às pressões interna e externa. Assim, este trabalho não encontrou pontos divergentes da teoria da Diplomacia Naval aplicada ao objeto.

Logo, com base nas evidências e à luz da teoria de Geoffrey Till, acompanhamos que as missões navais da OTAN, no período considerado, formaram um componente que contribuiu para acirrar a crise entre a FR e a Ucrânia.

Tendo realizado o confronto da teoria com a realidade, no próximo capítulo, seguiremos para as considerações finais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou apresentar aspectos da crise entre a FR e a Ucrânia e de como a OTAN utilizou suas forças navais no mar Negro, após o incidente no estreito de Kerch, em 25 de novembro de 2018, até o dia da invasão de tropas russas no Donbas, em 24 de fevereiro de 2022.

O propósito desta dissertação, apresentado no primeiro capítulo, foi responder ao questionamento: “o emprego das forças de superfície dos membros da OTAN no mar Negro, atuando em manobra de crise, teria contribuído para potencializar a tensão e iniciar o conflito armado entre a FR e a Ucrânia?”. As operações navais dessa aliança foram analisadas à luz da teoria da Diplomacia Naval, de Geoffrey Till. Utilizamos como metodologia o confronto da teoria com a realidade.

Para chegar a esse propósito, no capítulo 2 buscamos apresentar um arcabouço teórico, iniciando com o conceito de crise. Mostramos que a FR associa a crise a uma conjuntura de ameaça de agressão a sua soberania. Em sequência, destacamos elementos que foram identificados nas relações da FR com a Ucrânia e a OTAN. Chegamos, então, a quatro pontos que delimitaram o conceito estrito de crise. Em seguida, apresentamos diferentes concepções sobre a manobra de crise e como ela está relacionada à dissuasão. Exemplificamos que a dissuasão estratégica da FR pode ser considerada como agressiva, sob o ponto de vista de autores ocidentais. Mostramos de que maneira o poder naval pode ser empregado como ferramenta por um Estado ou coalizão, em manobra de crise; e como a OTAN o faz. Entramos, então, nos conceitos de Diplomacia Naval, de Geoffrey Till, vendo como o professor concebe os propósitos das missões navais dentro da diplomacia e os alertas que faz aos planejadores.

Entramos, no capítulo 3, nos fatores históricos, abordando passagens importantes para o entendimento da crise russo-ucraniana, desde os meses finais da queda da ex-URSS, até o incidente no estreito de Kerch, em 2018. Vimos que a OTAN esteve presente nos pontos-chave dessa disputa. Verificamos que a tensão na borda oriental da OTAN contou com um número cada vez maior de navios presentes no mar Negro, seja participando das operações multinacionais ou em ações de presença. Vimos como a FR reagia a cada missão e como mobilizou suas forças armadas para interditar áreas marítimas e evitar a presença da OTAN naquela região marítima.

No capítulo 4, fizemos o confronto da teoria do professor Geoffrey Till com as operações navais e pudemos conferir que, à medida que a crise se intensificava, os propósitos evoluíam do espectro da cooperação para a competição. Constatamos que a escalada da crise ocorria não somente nas declarações, mas nos documentos oficiais e nas reuniões de cúpula também, até o ápice do pronunciamento do Presidente Putin, às vésperas da invasão no Donbas.

Por fim, em relação ao tema escolhido, este autor buscou trazer uma contribuição sobre um assunto relativamente recente, do qual ainda há pouca literatura no meio acadêmico naval brasileiro. Por óbvio, este trabalho pode ser aperfeiçoado e outros aspectos podem ser abordados, alguns deles citados na seção 4.3.

Como se trata de um conflito que, até 12 de agosto de 2022, ainda está vigente, a História e outras ciências se encarregarão de elucidar.

REFERÊNCIAS

AKIMENKO, Valeriy. Russia and Strategic non-nuclear deterrence: Capabilities, limitations and challenges. *The Royal Institute of International Affairs Chatham House – Briefing Paper*. London, p. 1-17, Jul. 2021.

ARCHUS, Dorian. USS Ross Leaves Black Sea. *Naval Post website*. [S. l.], 28 Dec. 2019. Disponível em <<https://navalpost.com/uss-ross-leaves-the-black-sea/>>. Acesso em: 27 Jul. 2022.

BBC NEWS. HMS Defender: Russia's Putin accuses UK and US of military provocation. *BBC News official website*, [London], 30 Jun. 2021a. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-europe-57662956>>. Acesso em: 13 Jun. 2022.

BBC NEWS. HMS Defender: Russian jets an ships shadow British warship. *BBC News official website*, [London], 23 Jun. 2021b. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-europe-57583363>>. Acesso em: 13 Jun. 2022.

BBC NEWS. Navy defending our values in Russia disputa, says Boris Johnson. *BBC News official website*, [London], 24 Jun. 2021c. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/uk-politics-57593411>>. Acesso em: 3 Aug. 2022.

BBC NEWS. Russia warns Sweden and Finland against Nato membership. *BBC News official website*, [London], 11 Apr. 2022. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-europe-61066503>>. Acesso em 28 Jun. 2022.

BEALE, Jonathan. On board HMS Defender. [Black Sea]. *BBC News official website*, [London], 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-europe-57583363>>. Acesso em: 13 Jun. 2022.

BLACK SEA FLEET. Black Sea Fleet 2022: All Surface Combatants and Submarines. *KCHF.RU website*, 2022. Disponível em: <<https://www.kchf.ru/eng/ship/today.htm>>. Acesso em: 30 Jul. 2022.

BLACK SEA INSTITUTE OF STRATEGIC STUDIES. The Presence of NATO Non-Black Sea States' Warships in the Black Sea in November-December 2021. *Black Sea News website*, 12 Dec. 2021. Disponível em: <<https://www.blackseanews.net/en/read/182846>>. Acesso em 12 Jul. 2022.

BODNER, Matthew. Russia fires on Ukrainian vessels in Black Sea; 2 wounded. *AP News website*, Moscow, 26 Nov. 2018. Disponível em: <<https://apnews.com/article/moscow-ap-top-news-international-news-russia-business-b9e44a0c2dce40aebfc117e1490c51b9>>. Acesso em: 2 Aug. 2018.

BRASIL. Marinha do Brasil. Amazônia Azul. [2022]. *Sítio oficial da Marinha do Brasil na Internet*. [Brasília], 2022. Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/cgcf/amazonia_azul>. Acesso em: 17 jul. 2022.

BRASIL. Marinha do Brasil. *EMA-305 – Doutrina Militar Naval*. Brasília, 2017. 142 p.

BRASIL. Ministério da Defesa. *MD30-M-01 – Doutrina de Operações Conjuntas*. 2. ed. Brasília, v. 1, 2020. 239 p.

BRASIL. Ministério da Defesa. *MD35-G-01 – Glossário das Forças Armadas*. 5. ed. Brasília, 2015. 289 p.

BRASIL. Ministério da Defesa. *MD51-M-04 – Doutrina Militar de Defesa*. 2. ed. Brasília, 2007. 48 p.

CABLE, James E. S. *Gunboat Diplomacy 1919–1991: Political Applications of Limited Naval Force*. 3rd ed. Hampshire: Palgrave Macmillan, 1994. xiv, 246 p.

CABLE, James E. S. The Navy and British Diplomacy. In: TILL, Geoffrey (Ed.). *The Future of British Sea Power*. London: Macmillan, 1984. p. 122-128.

CLINTON, Hillary Rodham. Nomination Hearing To Be Secretary of State: Testimony. 13 Jan. 2009. *US Department of State official website – archived content*. Washington, 2009. Disponível em <<https://2009-2017.state.gov/secretary/20092013clinton/rm/2009a/01/115196.htm>>. Acesso em: 19 Jun. 2022.

COHEN, Stephen F. *War With Russia? From Putin & Ukraine to Trump & Russiagate*. New York: Hot Books, 2019. xiii, 231 p.

CROWLEY, Michael; WONG, Edward. U.S. Sanctions Aimed at Russia Could Take a Wide Toll. *The New York Times website*, 29 Jan. 2022. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2022/01/29/us/politics/russia-sanctions-economy.html>>. Acesso em 13 May 2022.

DIXON, Robyn. The U.S.-Ukraine Sea Breeze naval exercises, explained. *The Washington Post*, 2021. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/world/2021/07/02/ukraine-us-military-black-sea/#SN6HG6P2K5BBTL3IJVHQAOERNY-0>>. Acesso em: 13 Jun. 2022.

EICHLER, Jan. *NATO's Expansion After the Cold War: Geopolitics and Impacts for International Security*. Cham: Springer, 2021. p. xv, p. 173.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA (EUA). Department of State. *Memorandum of Conversation – Participants: Secretary Baker, President Gorbachev, Eduard Shevardnadze. Moscow, 9 Feb. 1990 (UNCLASSIFIED and released in part)*. Edição de NATIONAL SECURITY ARCHIVE. Washington, 2017. Disponível em: <<https://nsarchive.gwu.edu/document/16116-document-05-memorandum-conversation-between>>. Acesso em: 12 Jun. 2022.

EUA. US Navy. U.S. Naval Forces Europe and Africa/U.S. Sixth Fleet. *End of Exercise Sea Breeze 2020*. [Naples], 27 Jul. 2020a. Disponível em: <<https://www.c6f.navy.mil/Press-Room/News/News-Display/Article/2288736/end-of-exercise-sea-breeze-2020/>>. Acesso em: 18 Jul. 2022.

EUA. US Navy. U.S. Naval Forces Europe and Africa/U.S. Sixth Fleet. *Sixth Fleet announces Sea Breeze 2019 participation*. Naples, 24 Jun. 2019a. Disponível em: <<https://www.c6f.navy.mil/Press-Room/News/News-Display/Article/1885005/sixth-fleet-announces-sea-breeze-2019-participation/>>. Acesso em: 22 Jul. 2022.

EUA. US Navy. USS Ross Arrives in Ukraine. *US Navy official website, Washington*, 26 Dec. 2019b. Disponível em: <<https://www.navy.mil/Press-Office/Press-Releases/display-pressreleases/Article/2237727/uss-ross-arrives-in-ukraine/>>. Acesso em 26 Jul. 2022.

EUA. US Navy. U.S. Naval Forces Europe and Africa/U.S. Sixth Fleet. *USS Ross en route to the Black Sea*. Mediterranean Sea, 23 Feb. 2020b. Disponível em: <<https://www.c6f.navy.mil/Press-Room/News/News-Display/Article/2091255/uss-ross-en-route-to-the-black-sea/fbclid/uss-ross-en-route-to-the-black-sea/>> Acesso em: 18 Jun. 2022.

FEDERAÇÃO RUSSA. *Basic Principles of State Policy of the Russian Federation on Nuclear Deterrence*. The President of the Russian Federation – Executive Order n. 355, 2 Jun. 2020. Tradução de Ministry of Foreign Affairs. Moscow, 8 Jun. 2020. Disponível em: <https://archive.mid.ru/en/web/guest/foreign_policy/international_safety/disarmament/-/asset_publisher/rp0fiUBmANaH/content/id/4152094?p_p_id=101_INSTANCE_rp0fiUBmANaH&_101_INSTANCE_rp0fiUBmANaH_languageId=en_GB> Acesso em 4 Jun. 2022.

FEDERAÇÃO RUSSA. Constituição (1993). *The Russian Federation Constitution*, 1993. Adopted by popular vote on 12 December 1993, with amendments approved by all-Russian vote on 1 July 2020. Tradução de: Constitutional Court. Strasbourg: European Commission for Democracy Through Law (Venice Commission), n. CDL-REF(2021)010, 4 Feb. 2021. 47 p.

FEDERAÇÃO RUSSA. *Estratégia Nacional de Segurança da Federação Russa* (Do original: *Стратегия Национальной Безопасности Российской Федерации*). Decreto do Presidente da Federação Russa n. 400, 2 Jul. 2021a. Moscou, 2021. 43 f.

FEDERAÇÃO RUSSA. *Estratégia Nacional de Segurança da Federação Russa até 2020* (Do original: *Стратегии Национальной Безопасности Российской Федерации До 2020 Года*). Decreto do Presidente da Federação Russa n. 537, 12 May 2009. Moscou, 2009. Disponível em: <<https://www.prilib.ru/item/353849>>. Acesso em: 18 jul. 2022.

FEDERAÇÃO RUSSA. Ministério da Defesa. Diretoria Principal de Cooperação Militar Internacional do Ministério da Defesa da Federação Russa realiza um briefing sobre a preparação do exercício estratégico conjunto “Zapad-2021” (Do original: Главное управление международного военного сотрудничества Минобороны РФ провело брифинг о подготовке совместного стратегического учения “Запад-2021”). *Sítio oficial do Ministério da Defesa da Federação Russa na internet* [Moscou], 2021b. Disponível em: <[@egNews](https://function.mil.ru/news_page/country/more.htm?id=12378427)>. Acesso em: 2 Ago. 2022.

FEDERAÇÃO RUSSA. Ministério da Defesa. *Manual de Terminologia de Defesa da Federação Russa* (Do original: Справочник По Терминологии В Оборонной Сфере). *Sítio oficial do Ministério da Defesa da Federação Russa na internet*. [Moscou], [2022a]. Disponível em <<https://dictionary.mil.ru/dictionary>>. Acesso em 29 maio 2022.

FEDERAÇÃO RUSSA. President Vladimir Putin and Ukrainian President Leonid Kuchma answered journalists’ questions. Yalta, 2004. *Kremlin oficial website*, [Moscow], 2004a. Disponível em: <<http://en.kremlin.ru/events/president/news/30821>>. Acesso em: 16 Jul. 2022.

FEDERAÇÃO RUSSA. President Vladimir Putin met with Ukranian Prime Minister Viktor Yanukovich. *Kremlin oficial website*, Moscow, 1st Apr. 2004b. Disponível em: <en.kremlin.ru/events/president/news/30666>. Acesso em: 8 Jul. 2022.

FEDERAÇÃO RUSSA. Presidente (2008-2012: Dmitry Medvedev). *Mensagem à Assembléia Federal da Federação Russa* (No original: *Послание Федеральному Собранию Российской*

Федерации). Moscou, 5 nov. 2008. 21 f. Disponível em: <<https://www.prlib.ru/item/359181>>. Acesso em: 16 maio 2022.

FEDERAÇÃO RUSSA. Presidente (2012-: Vladimir Putin). *Address by the President of the Russian Federation*. Kremlin official website. Moscow, 21 Feb. 2022b. Disponível em: <<http://en.kremlin.ru/events/president/news/67828>>. Acesso em: 2 Aug. 2022.

FEDERAÇÃO RUSSA. Presidente (2012-: Vladimir Putin). *Address by the President of the Russian Federation*. Kremlin official website. Moscow, 24 Feb. 2022c. Disponível em: <<http://en.kremlin.ru/events/president/news/67843>>. Acesso em: 19 May 2022.

FEDERAÇÃO RUSSA. Presidente (2012-: Vladimir Putin). *Direct Line with Vladimir Putin*. Kremlin official website. Moscow, 30 Jun. 2021c. Disponível em: <<http://en.kremlin.ru/events/president/transcripts/65973>>. Acesso em: 7 Jun. 2022.

FEDERAÇÃO RUSSA. Presidente (2012-: Vladimir Putin). *Russia has no concerns about the expansion of NATO from the standpoint of ensuring security, but Russia will organize its military policies accordingly in connection with NATO nearing its borders, President Vladimir Putin announced after talks with the Federal Chancellor of Germany Gerhard Schroeder*. Kremlin official website. Moscow, 2 Apr. 2004c. Disponível em: <en.kremlin.ru/events/president/news/30679>. Acesso em 8 Jul. 2022.

FEDERAÇÃO RUSSA. Presidente (2012-: Vladimir Putin). *Speech and the Following Discussion at the Munich Conference on Security Policy*. Berlin, 10 Feb. 2007. Kremlin official website. [Moscow], 10 Feb. 2007. Disponível em <<http://en.kremlin.ru/events/president/transcripts/copy/24034>>. Acesso em: 17 Jul. 2022.

FEDERAÇÃO RUSSA. *The Military Doctrine of the Russian Federation*. APROVED by the President of the Russian Federation on December 25, 2014. Tradução de The Embassy of the Russian Federation to the United Kingdom of Great Britain and Northern Ireland (Ed.). London, 2015. Disponível em: <<https://rusemb.org.uk/press/2029>>. Acesso em: 4 Jun. 2022.

FEDERAÇÃO RUSSA. The Russian and Ukrainian parliaments have begun consultations on the issue of Russian-Ukrainian dual citizenship. *Kremlin official website*, [Moscow], 30 Oct. 2004d. Disponível em: <en.kremlin.ru/events/president/news/30666>. Acesso em 15 Jul. 2022.

FEDERAÇÃO RUSSA; UCRÂNIA. *Acordo entre a Federação Russa e a Ucrânia Sobre os Parâmetros da Divisão da Esquadra do Mar Negro*. (Do original: *Соглашение между Российской Федерацией и Украиной о параметрах раздела Черноморского флота*).

Versão oficial em russo e ucraniano. 28 maio 1997. Black Sea Fleet website. Disponível em: <<https://www.kchf.ru/history/dogovor/dogovor.htm>>. Acesso em 2 ago. 2022.

FEDERAÇÃO RUSSA; UCRÂNIA. *Acordo entre a Ucrânia e a Federação Russa sobre questões da presença da Frota do Mar Negro da Federação Russa no território da Ucrânia*. (Do original: *Угода Між Україною та Російською Федерацією з Питань Перебування Чорноморського Флоту Російської Федерації на Території України*). Versão oficial em russo e ucraniano. 21 abr. 2010. Sítio oficial do Conselho Supremo da Ucrânia (Verkhovna Rada). Disponível em: <https://zakon.rada.gov.ua/laws/show/643_359>. Acesso em: 2 Aug. 2022.

FELLER, Stephen. USS Ross arrives in Ukraine after simulated Russian attack at sea. *United Press International website*, Washington, D.C., 26 Dec. 2019. Disponível em: <<https://www.upi.com/Defense-News/2019/12/26/USS-Ross-arrives-in-Ukraine-after-simulated-Russian-attack-at-sea/3991577377812/>>. Acesso em: 19 Jul. 2022.

GEÓRGIA. Embassy of Georgia to the United Kingdom of Great Britain and Northern Ireland. *Statement of the Georgian Foreign Ministry regarding the interview of the Russian President*. Tbilisi, 8 Aug. 2012. Disponível em: <https://uk.mfa.gov.ge/default.aspx?sec_id=2115&lang=2&NewsID=117601>. Acesso em: 13 Jul. 2022.

GLOBAL SECURITY. Sea Breeze. *Global Security.org website*. [S. l.], 30 Sept. 2021a. Disponível em: <<https://www.globalsecurity.org/military/ops/sea-breeze.htm>>. Acesso em: 3 Aug. 2022.

GLOBAL SECURITY. Sea Breeze 2010-2019. *Global Security.org website*. [S. l.], 30 Sept. 2021b. Disponível em: <<https://www.globalsecurity.org/military/ops/sea-breeze-10-19.htm>>. Acesso em: 3 Aug. 2022.

GONCHAR, Mykhailo. Russia in the Black Sea: Technology of Squeezing NATO out. *Black Sea Security Analytical Journal*, Kyiv, n. 3 (35), p. 15-26, 2019.

GORSHKOV, Sergei G. *The Seapower of the State*. Tradução de Voennoe Izdatel'stovo Ministerstva. London: Pergamon Press, 1979. xiv, 290 p. Original russo.

HAHN, Gordon M. *Ukraine Over the Edge: Russia, the West and the "New Cold War"*. Jefferson: McFarland & Company, 2018. 629 p. (digital version).

HARVEY V., Hugo; ANDRÉS B., Galecio; RUBILAR G., Alejandro. El concepto de crisis

internacional en los Libros de la Defensa Nacional de Chile. Separata de: *Revista Ensayos Militares*, v. 2, n. 1, 2016. p. 131-148.

HERNANDEZ, Joe. Why Luhansk and Donetsk are key to understanding the latest escalation in Ukraine. *NPR website*, 22 Feb. 2022. Disponível em <<https://www.npr.org/2022/02/22/1082345068/why-luhansk-and-donetsk-are-key-to-understanding-the-latest-escalation-in-ukrain>>. Acesso em: 13 Jul. 2022.

HOFFMAN, David. Moscow Recalls NATO Delegate in Protest. *The Washington Post*, 25 Mar. 1999, p. A31. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/wp-srv/inatl/daily/march99/yeltsin24.htm>>. Acesso em: 7 Jul. 2022.

HUNTINGTON, Samuel P. *The Clash of Civilizations and the Remaking of the World Order*. New York: Simon & Schuster, 1996, 367 p.

KENNAN, George F. A Fateful Error. *The New York Times*, 5 Feb. 1997, New York, section A, p. 23. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1997/02/05/opinion/a-fateful-error.html>>. Acesso em 7 Jul. 2022.

KIMBALL, Spencer. Bound by Treaty: Russia, Ukraine and Crimea. *Deutsche Welle website*, 11 Mar. 2014, Bonn. Disponível em <<https://www.dw.com/en/bound-by-treaty-russia-ukraine-and-crimea/a-17487632>>. Acesso em: 13 Jul 2022.

KLYMENKO, Andrii. The (Un)Foreseen Storm-2 – from Crimea to Odesa. Maritime Risks in 2020: The Black Sea. [S. l.], *Black Sea News website*. 27 Mar. 2020a. Disponível em: <<https://www.blackseanews.net/en/read/162082>>. Acesso em: 26 Jul. 2022.

KLYMENKO, Andrii. Naval Warfare Scenarios for 2020. Separata de: *Ukraine Analytica*, v.1 (19), 2020b. p. 24-28.

KLYMENKO, Andrii. The “War of Exercises” in the Black Sea: A New Very Dangerous Stage that Cannot Be Ignored. [S. l.], *Black Sea News website*, 30 Ago. 2020c. Disponível em: <<https://www.blackseanews.net/en/read/167556>>. Acesso em 24 Jul. 2022.

KLYMENKO, Andrii; GUCHAKOVA, Tetyana; KORBUT, Olha. The Duration of Artificial Delays of Vessels in the Kerch Strait. The Monitoring for January 2022. *Black Sea News website*. [Kyiv], 2022. Disponível em: <<https://www.blackseanews.net/en/read/184601>>. Acesso em: 21 Jun. 2022.

MARCUS, Jonathan. Ukraine-Russia clash: Nato's dilemma in the Black Sea. *BBC News website*, 4 Dec. 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-europe-46425777>>. Acesso em: 23 Jul. 2022.

MARPLES, David R. Decommunization, Memory Laws, and "Builder of Ukraine in the 20th Century". Separata de: *Acta Slavica Iaponica*, v. 39. [S. l.]: [201?]. p. 1-22.

MCCOY, M. Kelly. In the beginning, there was competition: The old idea behind the new American way of war. *The Modern War Institute at West Point*, West Point, 11 Apr. 2018. Disponível em: <<https://mwi.usma.edu/beginning-competition-old-idea-behind-new-american-way-war/>>. Acesso em: 14 Jul. 2022.

MCLEARY, Paul. US Upgrades Ukrainian Ports To Fit American Warships. In: *Breaking Defense website*, 3 Jul. 2019, New York. Disponível em: <<https://breakingdefense.com/2019/07/us-upgrading-ukraine-ports-to-fit-american-warships/>>. Acesso em: 18 Jul. 2022.

MEDVEDEV, Dmitry. Moscou, Federação Russa, 15 mar. 2008. Interview transcript: Dmitry Medvedev. *Entrevista concedida ao jornal Financial Times*. Disponível em: <https://www.ft.com/content/f40629a8-f9ba-11dc-9b7c-000077b07658>>. Acesso em: 15 Jul. 2022.

MORINI, Enrico. "PALAVRA DE UMA OUTRA ÉPOCA". Sítio de FRATES IN UNUN na internet. 20 Dez. 2014. Disponível em: <<https://fratresinunum.com/2014/12/20/32020/>>. Acesso em: 4 Jul. 2022.

NAILOR, Peter. The Development of the Royal Navy since 1945. In: TILL, Geoffrey (Ed.). *The Future of British Sea Power*. London: Macmillan, 1984. p. 13-23.

NAVALTODAY. 20-ship Black Sea exercise Sea Shield concludes in Romania. *NAVALTODAY.COM website*, 15 Apr. 2019. Disponível em: <<https://www.navaltoday.com/2019/04/15/20-ship-black-sea-exercise-sea-shield-2019-concludes-in-romania/>>. Acesso em: 2 Aug. 2022.

NYE, Joseph S. Jr. In Mideast, the Goal is "Smart Power". *The Boston Globe*, Boston, 19 Aug. 2006. Disponível em: <<https://www.belfercenter.org/publication/mideast-goal-smart-power>>. Acesso em: 19 Jun. 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Sixty-Eighth General Assembly. *General Assembly Adopts Resolution Calling upon States Not To Recognize Changes in Status of Crimea Region*. 80th Meeting, n. GA/11493, 27 Mar. 2014. Disponível em: <<https://press.un.org/en/2014/ga11493.doc.htm>>. Acesso em: 18 Jul. 2022.

ONU. *United Nations Juridical Yearbook 1991*. 95th ed. New York, v. 19, 1996. 449 p.

ORGANIZAÇÃO DO TRATADO DO ATLÂNTICO NORTE (OTAN). *AJP-5 – Allied Joint Doctrine for the Planning of Operations*. United Kingdom Ministry of Defense (Ed.), Ed. A, version 2, UK Change 1, Shrivenham, 2021a. xvii, 4 chaptes, 223 f.

OTAN. *AJP-01(E) – Allied Joint Doctrine*. Ed. E, version. 1, Brussels: NATO Standardization Office, 28 Feb. 2017. x, 5 chapters, 82 f.

OTAN. Allied Maritime Command (MARCOM). NATO Standing Naval Forces. *MARCOM official website*. [London], [2022a]. Disponível em: <<https://mc.nato.int/missions/NATO-standing-naval-forces>>. Acesso em: 2 Aug. 2022.

OTAN. *APP-6 – NATO Glossary of Terms and Definitions (English and French)*. Brussels: NATO Terminology Office, 2013. 439 p.

OTAN. *Cúpula de Bruxelas* (Do original: *Brussels Summit Communiqué*). Issued by the Heads of State and Government participating in the meeting of the North Atlantic Council in Brussels 14 June 2021. NATO official website, Brussels, 14 Jun. 2021b. Disponível em: <https://www.nato.int/cps/en/natohq/news_185000.htm>. Acesso em 29 Jun. 2022.

OTAN. *Cúpula de Bucareste 2008* (Do original: *Bucharest Summit 2008*). Bucharest Summit Declaration. Issued by the Heads of State and Government participating in the meeting of the North Atlantic Council in Bucharest on 3 April 2008. NATO official website, Bucharest, 2008 - 5 Jul. 2022 (update). Disponível em: <https://www.nato.int/cps/en/natolive/official_texts_8443.htm>. Acesso em: 3 Aug. 2022.

OTAN. *Cúpula de Lisboa 2010*. (Do original: *Lisbon Summit 2010*). *Lisbon Summit Declaration*. Issued by the Heads of State and Government participating in the meeting of the North Atlantic Council in Lisbon on 20 November 2010. n. PR/CP(2010)0155. Lisbon: NATO Public Diplomacy Division, 2010a. 13 p.

OTAN. *Cúpula do País de Gales 2014*. (Do original: *Wales Summit 2014*). Wales Summit Declaration. Issued by the Heads of State and Government participating in the meeting of the North Atlantic Council in Wales. Newport (Wales), 5 Sept. 2014. NATO official website. 4 Jul. 2022 (update). Disponível em: <https://www.nato.int/cps/en/natohq/official_texts_112964.htm>. Acesso em 18 Jul. 2022.

OTAN. *Cúpula de Varsóvia 2016*. (Do original: *Warsaw Summit 2016*). Warsaw Summit Communiqué. Issued by the Heads of State and Government participating in the meeting of the North Atlantic Council in Warsaw 8-9 July 2016. Warsaw, 9 Jul. 2016. NATO official website, 2016. 1st Jul. 2022 (update). Disponível em: <https://www.nato.int/cps/en/natohq/official_texts_133169.htm>. Acesso em: 18 Jul. 2022.

OTAN. Defence Ministers agree to strengthen NATO's defences, establish Spearhead Force. *NATO official website*, 5 Feb. 2015. Disponível em: <https://www.nato.int/cps/en/natohq/news_117188.htm>. Acesso em: 19 Jul. 2022.

OTAN. Member Countries. *NATO official website*, [Brussels], [2022b]. Disponível em <<https://www.nato.int/nato-welcome/>>. Acesso em: 8 Aug. 2022.

OTAN. NATO Ships exercise in the Black Sea. *NATO official website*. [Brussels], 19 Jul. 2019a. Disponível em: <https://www.nato.int/cps/en/natohq/news_168031.htm?selectedLocale=en>. Acesso em: 2 Aug. 2022.

OTAN. NATO ships exercise in the Black Sea. *NATO official website*, Brussels, 2021c. Disponível em: <https://www.nato.int/cps/en/natohq/news_185879.htm>. Acesso em: 22 May 2022.

OTAN. NATO's military presence in the east of the Alliance. *NATO official website*, [Brussels], 2022c. Disponível em <https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_136388.htm>. Acesso em 25 maio 2022.

OTAN. NATO Response Force. *NATO official website*, [Brussels], 2022d. Disponível em: <https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_49755.htm>. Acesso em: 2 Aug. 2022.

OTAN. Relations with Ukraine. *NATO official website*, [Brussels], 8 Jul. 2022e (update). Disponível em: <https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_37750.htm#:~:text=NATO%20DUkraine%20Joint%20Working%20Group%20on%20Defence%20Reform&text=The%20JWR%20allows%20Ukraine%20to,the%20Allies%20can%20channel%20assistance>. Acesso em: 16 May 2022.

OTAN. Remarks by NATO Deputy Secretary General Mircea Geoană. Kyiv, 23 Aug. 2021. *NATO official website*, Brussels, 2021d. Disponível em: <https://www.nato.int/cps/en/natohq/opinions_186167.htm?selectedLocale=en>. Acesso em: 30 Jul. 2022.

OTAN. *Russia's top five myths about NATO*. [Brussels]: NATO Graphics & Printing, 2021e. 2 f.

OTAN. Secretário-Geral (2014-: Jens Stoltenberg). *Press Briefing by NATO Secretary General Jens Stoltenberg following an extraordinary meeting of the NATO-Ukraine Commission*. [Brussels], 22 Feb. 2022f. Disponível em: <https://www.nato.int/cps/en/natohq/opinions_192343.htm?selectedLocale=en>. Acesso em: 29 May 2022.

OTAN. Secretário-Geral (1988-1994: Manfred Wörner). *Address by Secretary General, Manfred Wörner to the Bremer Tabaks Collegium*. Brussels, 17 May 1990. Disponível em: <https://www.nato.int/docu/speech/1990/s900517a_e.htm>. Acesso em: 13 Jul. 2022.

OTAN. Secretário-Geral (2014-: Jens Stoltenberg). *Press Conference by NATO Secretary General Jens Stoltenberg following the first meeting of the North Atlantic Council in Foreign Ministers' session*. [Brussels], 4 Apr. 2019b. Disponível em: <https://www.nato.int/cps/en/natohq/opinions_165234.htm?selectedLocale=en>. Acesso em: 19 Jul. 2022.

OTAN. Secretário-Geral (2014-: Jens Stoltenberg). *Press Conference by NATO Secretary General Jens Stoltenberg following the meeting of the NATO-Ukraine Commission*. Brussels, 26 Nov. 2018. Disponível em: <https://www.nato.int/cps/en/natohq/opinions_160789.htm>. Acesso em: 13 Jul. 2022.

OTAN. *Study on NATO Enlargement*. 3 Sep. 1995. NATO official website – Official texts. [Brussels], update 5 Nov. 2008. Disponível em: <https://www.nato.int/cps/en/natohq/official_texts_24733.htm>. Acesso em: 29 Jun. 2022.

OTAN. The Alliance's Strategic Concept (1991). In: OTAN. *Towards the New Strategic Concept: A selection of background documents*. Brussels: NATO Graphics & Printing, 2010b. p. 21-32.

OTAN. The Alliance's Strategic Concept (1999). In: OTAN. *Towards the New Strategic Concept: A selection of background documents*. Brussels: NATO Graphics & Printing, 2010c. p. 33-46.

OTAN. *The Secretary's General Annual Report – 2019*. Brussels: NATO Public Diplomacy Division, 2019c. 128 p.

OTAN. *The Secretary's General Annual Report – 2020*. Brussels: NATO Public Diplomacy Division, 2020. 142 p.

OTAN. *The Secretary's General Annual Report – 2021*. Brussels: NATO Public Diplomacy Division, 2021f. 150 p.

OTAN; FEDERAÇÃO RUSSA. *Founding Act on Mutual Relations, Cooperation and Security Between The North Atlantic Treaty Organization and The Russian Federation*. Paris, 27 May 1997. 9 p. In: ONU. Letter dated 28 May 1997 from the Permanent Representative of the Russian Federation to the United Nations addressed to the Secretary-General. [New York], 1997. Disponível em: <<https://digitallibrary.un.org/record/234353?ln=en>>. Acesso em: 19 Jul. 2022.

OTAN; UCRÂNIA. *Statement of the NATO-Ukraine Commission*. NATO official website. [Brussels], 1st Apr. 2014. Disponível em: <https://www.nato.int/cps/en/natolive/news_108499.htm>. Acesso em: 2 Ago. 2022.

ORGANIZAÇÃO MARÍTIMA INTERNACIONAL – IMO, 2011. IMO Publications and Documents. *Revised NAVTEX MANUAL*. Anex. Disponível em: <<https://www.imorules.com/GUID-4866113F-5F6D-4459-BC85-A3D44282A549.html>>. Acesso em 27 Jul. 2022.

OSBORN, Andrew; POLITYUK, Pavel. Russia fires on and seizes Ukrainian ships near annexed Crimea. *Reuters website*, Moscow, Kiev, 25 Nov. 2018. Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/us-ukraine-crisis-russia/russia-blocks-ukrainian-navy-from-entering-sea-of-azov-idUSKCN1NU0DL>>. Acesso em: 2 Aug. 2022.

OTARASHVILI, Maia. Rising Tensions in the Black Sea Amid Sea Breeze Exercises: Russian “Unsafe” Behavior Strains Geopolitical Interests. *Majala Maganize website*, 9 Jul. 2021. Disponível em: <<https://eng.majalla.com/node/146486/politicsrising-tensions-black-sea-amid-sea-breeze-exercises>>. Acesso em: 13 Jul. 2022.

REUTERS. Dutch defence minister: “irresponsible” Russian jets harassed frigate in Black Sea. *Reuters official website*, 29 Jun. 2021. Disponível em: <<https://www.reuters.com/world/europe/dutch-defence-ministry-says-russian-jets-harassed-frigate-black-sea-2021-06-29/>>. Acesso em: 2 Aug. 2022.

RADIO FREE EUROPE/RADIO LIBERTY. Putin Says U.S., NATO Moves In Black Sea ‘Serious Challenge’ For Russia. *RFE/RL website*, 13 Nov. 2021. Disponível em: <<https://www.rferl.org/a/russia-challenge-nato-black-sea/31559632.html>>. Acesso em: 26 Jul. 2022.

ROMÊNIA. Ministry of National Defence. “*Sea Shield 19*” – *The largest NATO exercise from the Black Sea region-begins*. Bucharest: The Press Office. n. 52. 2 Apr. 2019. Disponível em: <https://english.mapn.ro/cpresa/5081_%E2%80%9CSEA-SHIELD-19%E2%80%9D--THE-LARGEST-NATO-EXERCISE-FROM-THE-BLACK-SEA-REGION-BEGINS>. Acesso em 2 Aug. 2022.

ROSEFELDE, Steven. *The Kremlin Strikes Back: Russia and the West after Crimea’s Annexation*. New York: Cambridge University Press, 2017. xv, 296 p.

ROTH, Andrew. Putin opens 12 miles bridge. *The Guardian*, 15 May 2018. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2018/may/15/putin-opens-bridge-between-crimea-and-russian-mainland>>. Acesso em: 2 Aug. 2022.

ROTH, Andrew; BORGER, Julian. Putin orders troops into eastern Ukraine on ‘peacekeeping duties’. Organizado por: Luke Harding. 21 Feb. 2022. *The Guardian website*. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2022/feb/21/ukraine-putin-decide-recognition-break-away-states-today>>. Acesso em: 31 Jul 2022.

SEZER, Duygu Bazoğlu. *Balance of Power in the Black Sea in post cold war era: Russia, Turkey and Ukraine*. Separata de DROHOBYCKY, Maria (Ed.): *Crimea: dynamics, challenges and prospects*. [Lanham]: Rowman & Littlefield Publishers, 1995. p. 157-194.

STEWART, Dale. *The Russian-Ukrainian Friendship Treaty and The Search for Regional Stability in Eastern Europe*. 1997. 102 f. Thesis (Master of Arts in National Security Affairs) – Naval Postgraduate School, Monterey, 1997.

TASS. Russian News Agency. Russia warns provocateurs might ‘get clocked in the nose’ over ‘games’ in the Black Sea. *TASS Russian News Agency*, Moscow, 6 Jul. 2021. Disponível em: <<https://tass.com/politics/1311003>>. Acesso em: 31 Jul. 2022.

TASS. Russian News Agency. Russian Black Sea Fleet ships deploy to designated areas in snap combat readiness check. *TASS Russian News Agency*, Moscow, 17 Jul. 2020. Disponível em: <<https://tass.com/defense/1179829>>. Acesso em: 6 Jul. 2022.

TILL, Geoffrey. *Sea Power: A Guide for the Twenty-First Century*. 4th ed. London: Routledge, 2018. 476 p.

TROIANOVSKI, Anton; SANGER, David E. Russia Issues Subtle More Far-Reaching Than a Ukraine Invasion. New York. *The New York Times website*, 16 Jan. 2022. Disponível em:

<<https://www.nytimes.com/2022/01/16/world/europe/russia-ukraine-invasion.html>>. Acesso em: 12 May 2022.

UCRÂNIA. Comitê Estadual de Estatísticas da Ucrânia. Censo populacional de toda a Ucrânia de 2001. (Do original: Державний комітет статистики України. Всеукраїнського перепису населення 2001 року). [Kiev], 2003. Disponível em: <<http://2001.ukrcensus.gov.ua/results/general/nationality/>>. Acesso: em 4 jul. 2022.

UNIAN.NET. NATO to hold multi-national Sea Shield 2019 drills in Black Sea. *UNIAN Information Agency website*, 3 Apr. 2019. Disponível em: <<https://www.unian.info/world/10504107-nato-to-hold-multi-nationalsea-shield-2019-drills-in-black-sea.html>>. Acesso em: 2 Aug. 2022.

VOICE OF AMERICA. Black Sea Drills Showcase Strong NATO-Ukraine Defence Ties. *Voice of America website*, Washington, DC. 10 Jul. 2021. Disponível em: <https://www.voanews.com/a/europe_black-sea-drills-showcase-strong-nato-ukraine-defense-ties/6208087.html>. Acesso em: 2 Aug. 2022.

VOICE OF AMERICA. What to Know About the Donetsk and Luhansk Regions. *Voice of America website*, Whashington, DC. 21 Feb. 2022. Disponível em: <<https://www.voanews.com/a/what-to-know-about-the-donetsk-and-luhansk-regions-/6452835.html>>. Acesso em: 2 Aug. 2022.

WILSON, Andrew. *Ukraine's Orange Revolution*. Filey: Yale University Press, 2005. 232 p.

GLOSSÁRIO

Conflito: Em sentido amplo, compreende um contexto social que abarca diferentes estágios de evolução do emprego da força. É um “[...] fenômeno social caracterizado pelo choque de vontades decorrente do confronto de interesses, constituindo uma forma de buscar-se uma solução ou compromisso.” (BRASIL, 2007, 2. ed., p. 21).

Comando operacional: “[...] corresponde ao grau de autoridade que permite ao Comandante estabelecer a composição das forças subordinadas, designar missões e objetivos, além de orientar e coordenar as operações.” (BRASIL, 2017, p. 2-5).

Defesa coletiva: É um conceito estabelecido no art. 5º do Tratado do Atlântico Norte, no qual os membros da OTAN se comprometem a prestar assistência a uma das Partes que sofrer um ataque armado.

Descomunização: É um movimento conduzido pela Ucrânia para realizar um processo de limpeza das raízes históricas e costumes que ligam ao comunismo. Envolve mudança de legislação, alteração de diretrizes do sistema de educação, remoção de monumentos de líderes comunistas, alteração de nomenclatura de espaços públicos e unificação da língua (MARPLES, [201?]).

Desdobramento: “Ato ou efeito de uma unidade operar, no todo ou em parte, fora de sua sede.” (BRASIL, 2015, 5. ed, p. 88).

Diplomacia das canhoneiras: É o uso ou ameaça de uso de uma força naval limitada, empregada de forma que não configure um ato de guerra, a fim de garantir uma vantagem ou evitar perdas em um litígio internacional (CABLE, 1994).

Donbas: É uma localizaã na bacia carbonífera do rio Donets, na parte leste do território ucraniano reconhecido internacionalmente.

Forças irregulares: São forças caracterizadas por organização não institucionalizada, que praticam a guerra irregular, caracterizada por ser um conflito armado sem legitimidade jurídico-institucional (BRASIL, 2020).

Mar territorial (MT): “[...] faixa de mar, cuja largura estende-se até o limite de 12 milhas náuticas (MN), contadas a partir das linhas de base do litoral (linhas de referência na costa), sobre a qual o Estado costeiro exerce plena soberania, incluindo o espaço aéreo

sobrejacente, bem como seu leito e subsolo [...]” (BRASIL, [2022]).

NAVAREA: “[...] uma área geográfica marítima estabelecida com a finalidade de coordenar a emissão de avisos de navegação. O termo NAVAREA seguido de um algarismo romano pode ser usado para identificar uma determinada área marítima.” (ORGANIZAÇÃO MARÍTIMA INTERNACIONAL, 2011).

Poder Nacional: “[...] é a capacidade que tem a Nação para alcançar e manter os *objetivos nacionais*, em conformidade com a vontade nacional. Manifesta-se em cinco expressões: a política, a econômica, a psicossocial, a militar e a científico-tecnológica.” (BRASIL, 2017, p. 1-1, grifo do autor).

Poder Naval: “[...] é um dos componentes da expressão militar do Poder Nacional e integrante do Poder Marítimo, capaz de atuar no mar, nas águas interiores e em certas áreas terrestres limitadas de interesse para as operações navais, incluindo o espaço aéreo sobrejacente, visando a contribuir para a conquista e a manutenção dos Objetivos Nacionais de Defesa [...] compreende os meios navais, aeronavais e de fuzileiros navais; as infraestruturas de apoio; e as estruturas de comando e controle, de logística e administrativa.” (BRASIL, 2007, p. 1-4, 1-5).

Revolta: É um “[...] levante de uma parte da comunidade nacional conduzida por um grupo político e militar organizado em conspiração, contando com o apoio de parcela expressiva da população, contra o governo, para substituí-lo ou realizar aspirações políticas [...]” (BRASIL, 5. ed., 2015, p. 243).

Royal Navy (Marinha Real): É o nome abreviado da Marinha Real do Reino Unido.

Smart power (Poder Inteligente): 1. A capacidade eficiente de combinação do poder forte da coerção (*hard power*), com o poder brando da coesão (*soft power*), para obter uma estratégia vencedora (NYE, 2006). 2. A utilização correta de toda a gama de ferramentas à disposição – diplomática, econômica, militar, política, jurídica e cultural, empregando-as individualmente ou combinadas (CLINTON, 2009).

Uniata: O adjetivo Uniata refere-se a um grupo de comunidades cristãs de rito oriental que reconhecem o Papa como seu pontífice máximo. Alguns cristãos consideram o termo ultrapassado e pejorativo e preferem substituí-lo por “cristãos orientais unidos a Roma”. (MORINI, 2014).

Zona Econômica Exclusiva (ZEE): “[...] faixa situada além do MT, até o limite de 200 MN, sobre a qual o Estado costeiro exerce soberania, para fins de exploração, aproveitamento, conservação e gestão dos recursos naturais, vivos ou não vivos, das águas sobrejacentes ao leito do mar, do leito do mar e seu subsolo e, no que se refere a outras atividades com vista à exploração e ao aproveitamento para fins econômicos, como a produção de energia a partir da água, das correntes e dos ventos. Além disso, o Estado costeiro também exerce jurisdição, no que se refere à colocação e utilização de ilhas artificiais, instalações e estruturas, investigação científica marinha e proteção e preservação do meio marinho [...]” (BRASIL, [2022]).

APÊNDICE A

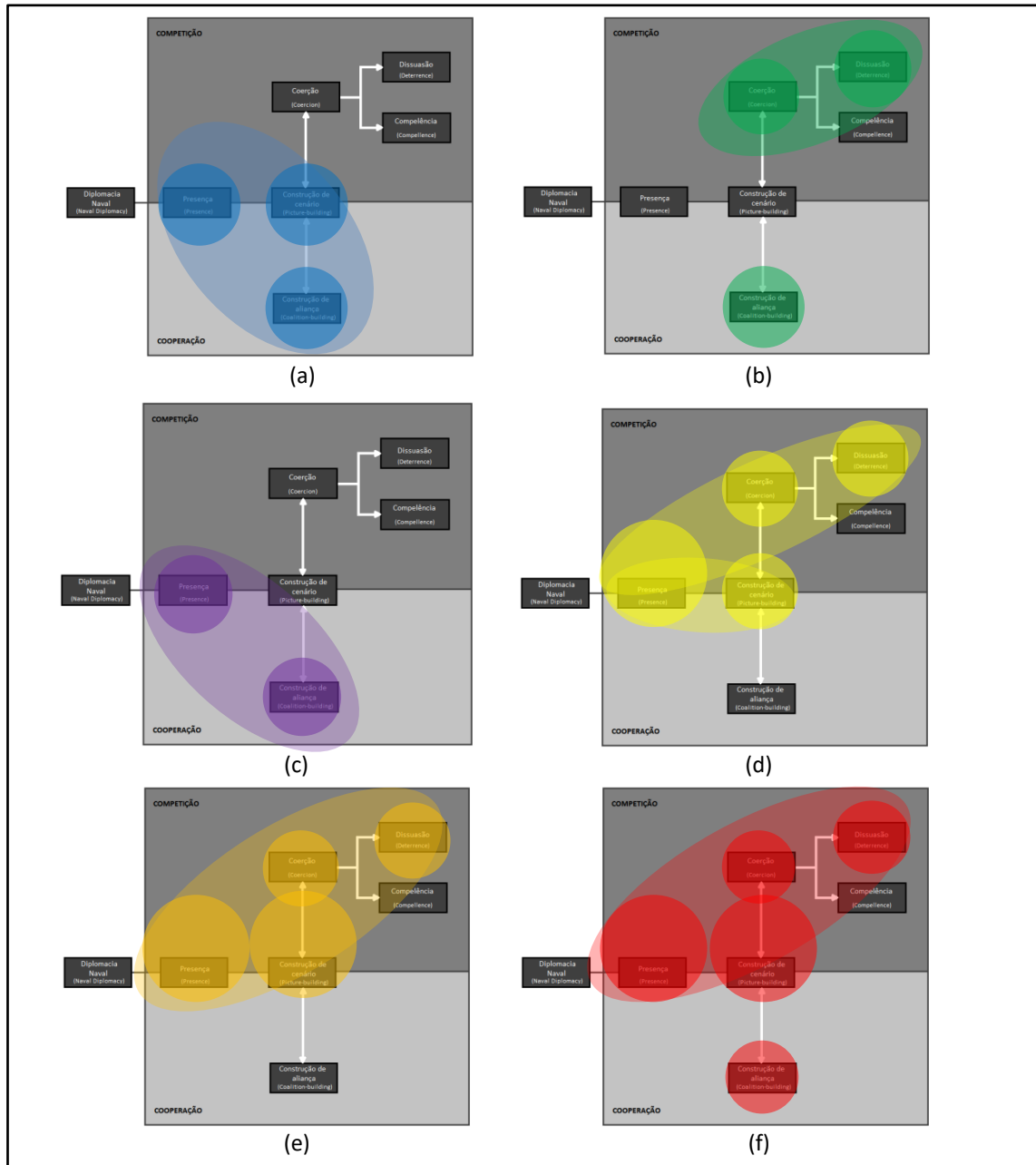


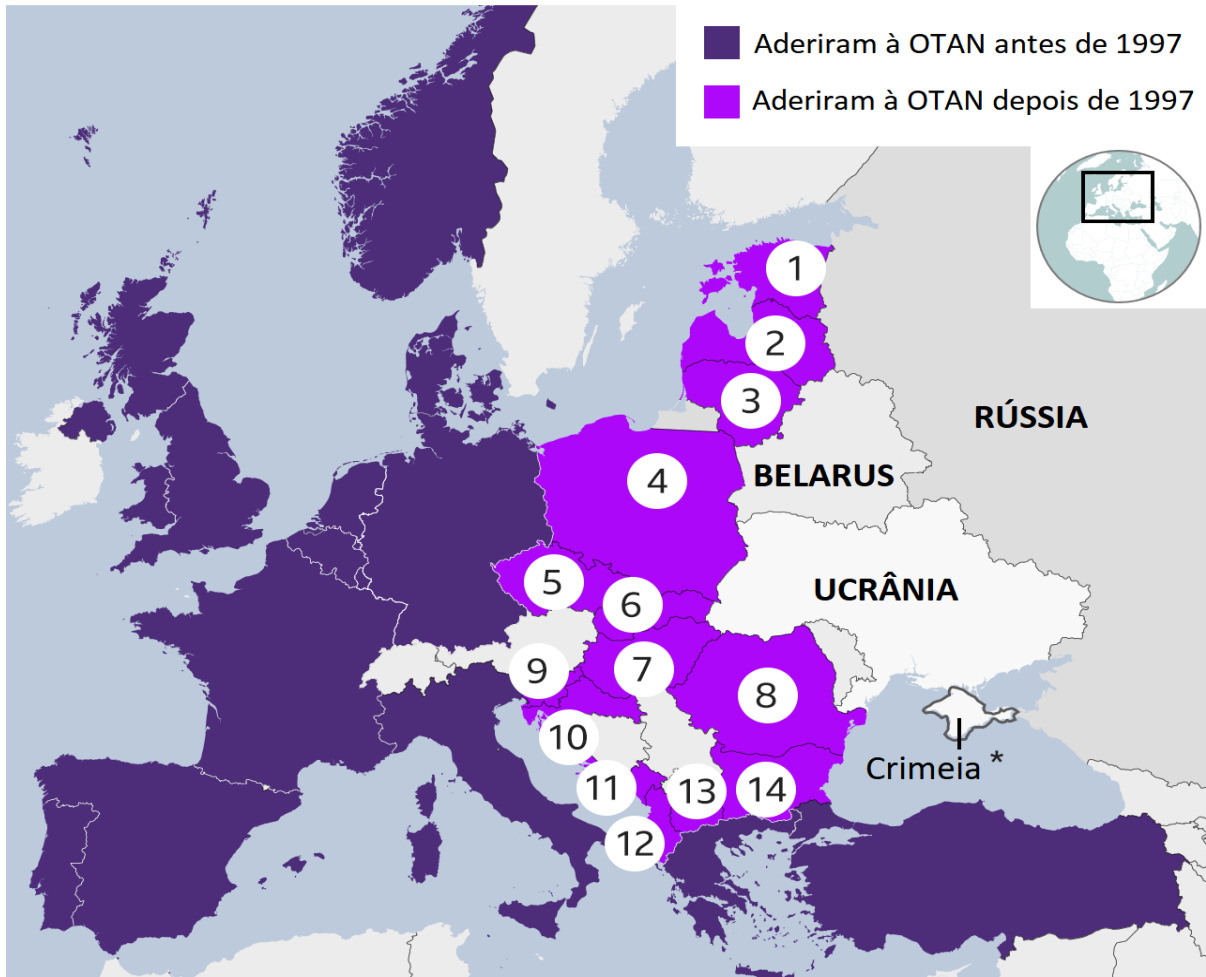
FIGURA 1 – Tendência das operações das forças de superfície da OTAN, à luz da teoria da Diplomacia Naval, de Geoffrey Till

- a) Operação *Sea Shield* 2019: concentração no espectro cooperativo;
- b) Operação *Breeze/Sea Breeze* 2019: sem concentração definida;
- c) Operação do USS “Ross”: concentração no espectro cooperativo;
- d) Operação *Sea Breeze* 2020: concentração no espectro competitivo;
- e) Operação do HMS “Defender”: concentração no espectro competitivo; e
- f) Operação *Breeze/Sea Breeze* 2021: concentração no espectro competitivo.

Fonte: Till, 2018, 4. ed., p. 366. Adaptado pelo autor.

ANEXO A

Expansão da OTAN desde 1997



- | | | | |
|------------|--------------------|--------------|----------------------|
| ① Estônia | ⑤ República Tcheca | ⑨ Eslovênia | ⑬ Macedônia do Norte |
| ② Letônia | ⑥ Eslováquia | ⑩ Croácia | ⑭ Bulgária |
| ③ Lituânia | ⑦ Hungria | ⑪ Montenegro | |
| ④ Polônia | ⑧ Romênia | ⑫ Albânia | |

* Crimeia russa, anexada em 2014

BBC

FIGURA 2 – Expansão da OTAN desde 1997.

Fonte: BBC News, 2022. (Houve alteração na ilustração, com a inclusão da tradução da língua inglesa para a portuguesa).

ANEXO B

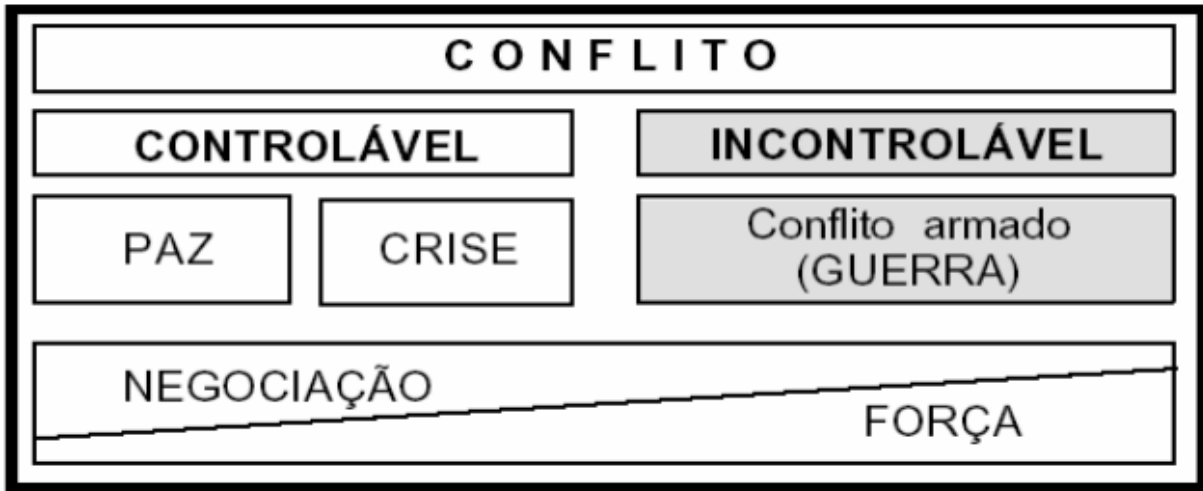


FIGURA 3 – O espectro dos conflitos.

Fonte: BRASIL, 2017, p. 21.

ANEXO C

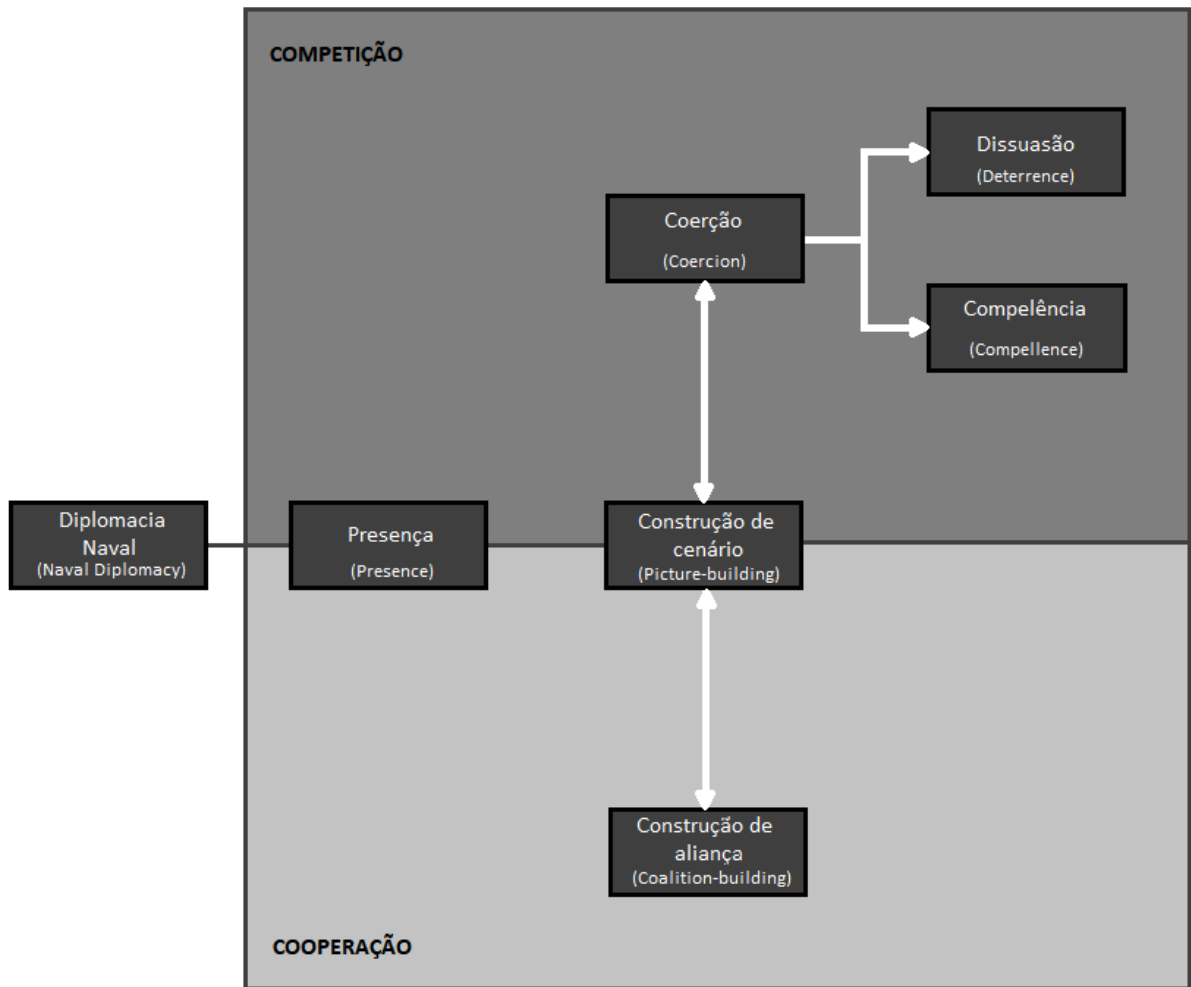
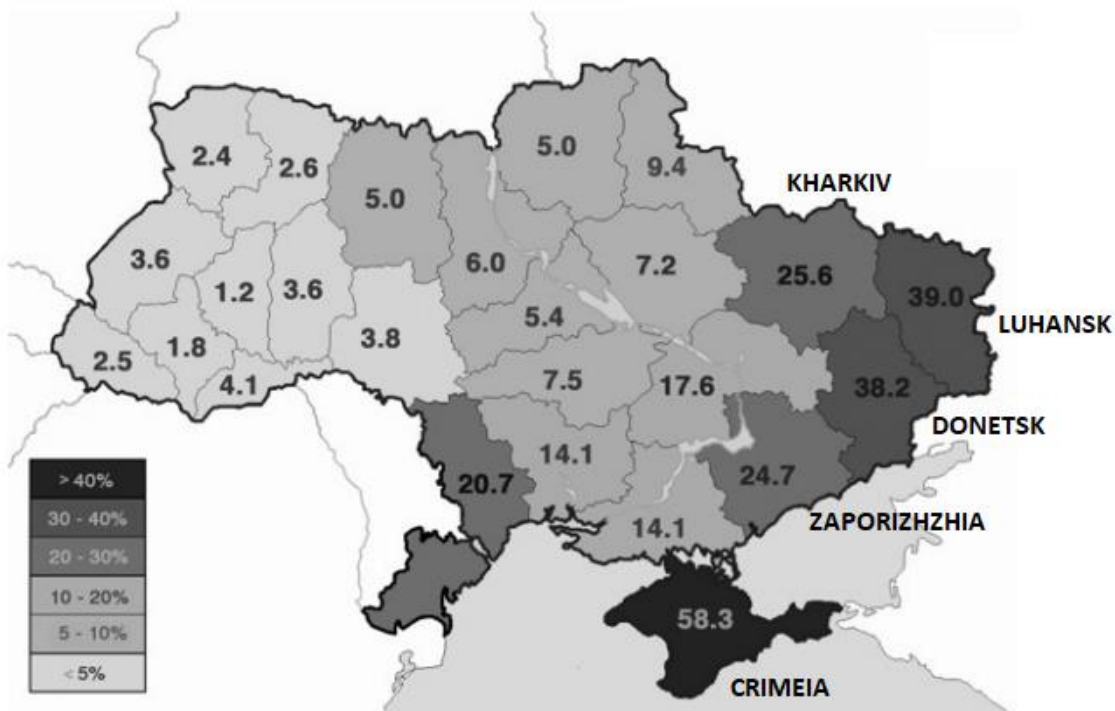


FIGURA 4 – Propósitos da Diplomacia Naval.

Fonte: Till, 2018, 4. ed., p. 366. (Houve alteração na ilustração, com a inclusão da tradução da língua inglesa para a portuguesa).

ANEXO D



População de etnia russa na Ucrânia, por região (Dados do censo de 2001)

FIGURA 5 – População de etnia russa na Ucrânia (Dados do censo de 2001).

Fonte: Hahn, 2018, p. 176. (Houve alteração na ilustração, com a inclusão da tradução da língua inglesa para a portuguesa e a identificação das províncias descritas no texto).

ANEXO E

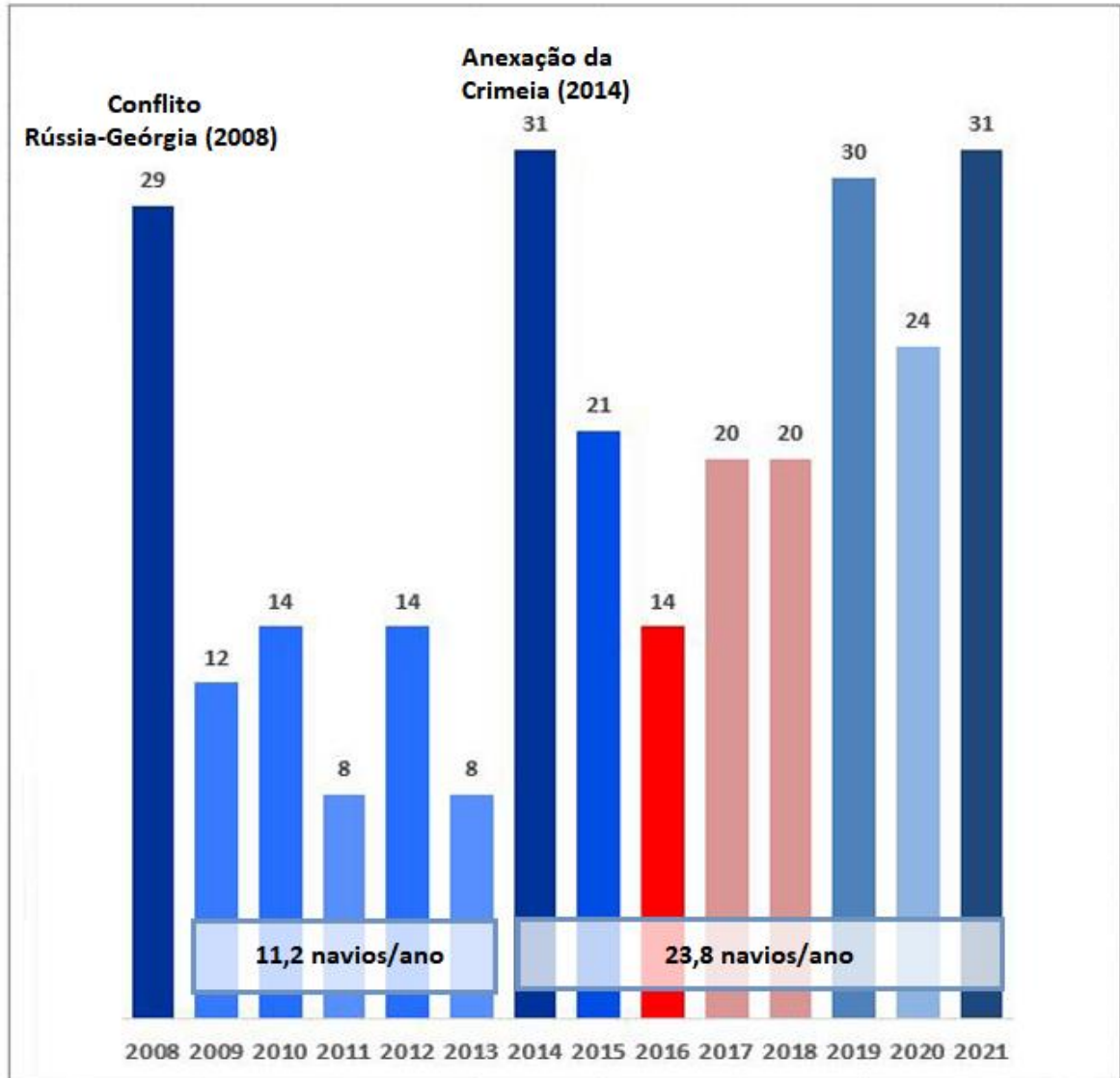


FIGURA 6 – A presença de navios de guerra da OTAN de Estados extra-mar Negro.
 Fonte: Black Sea Institute of Strategic Studies, 2021. (Houve alteração na ilustração, com o recorte de anos anteriores e a inclusão de textos na língua portuguesa).

ANEXO F

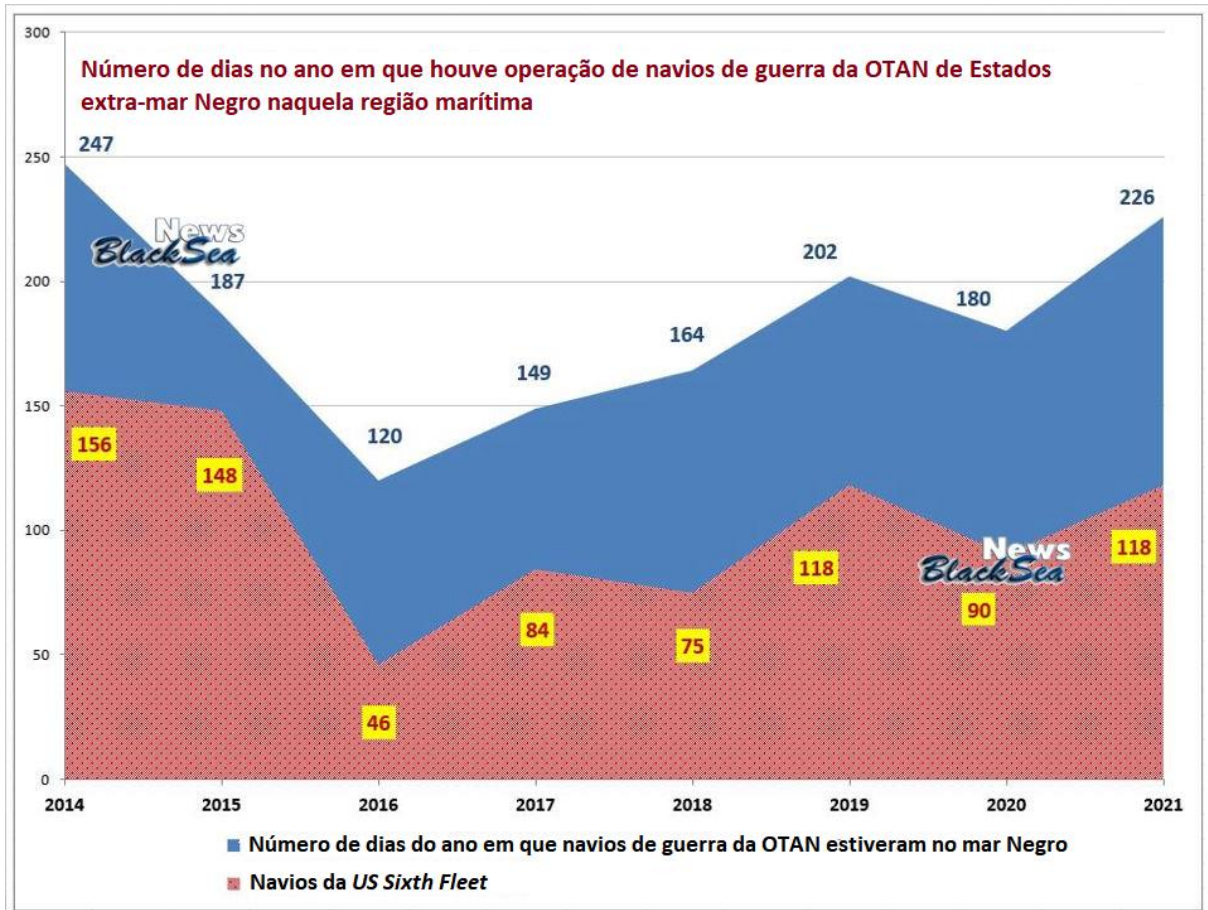


FIGURA 7 – Quantidade de dias no ano de operação dos navios de guerra da OTAN de Estados extra-mar Negro, de 2014 a 2021.

Fonte: Black Sea Institute of Strategic Studies, 2021. (Houve alteração na ilustração, com a inclusão da tradução da língua inglesa para a portuguesa).

ANEXO G

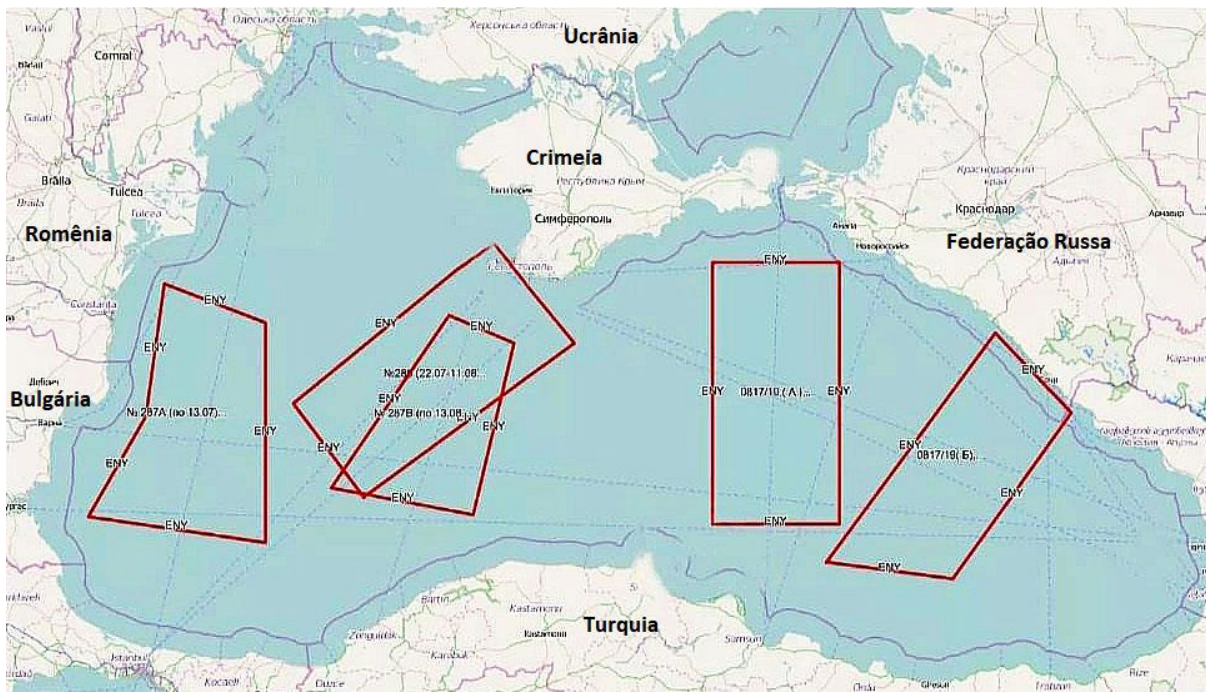


FIGURA 8 – Áreas marítimas interditas à navegação pela Federação Russa em julho de 2019.

Fonte: Klymenko, 2020c. (Houve alteração na ilustração, com a inclusão do nome dos principais Estados envolvidos.)

ANEXO H

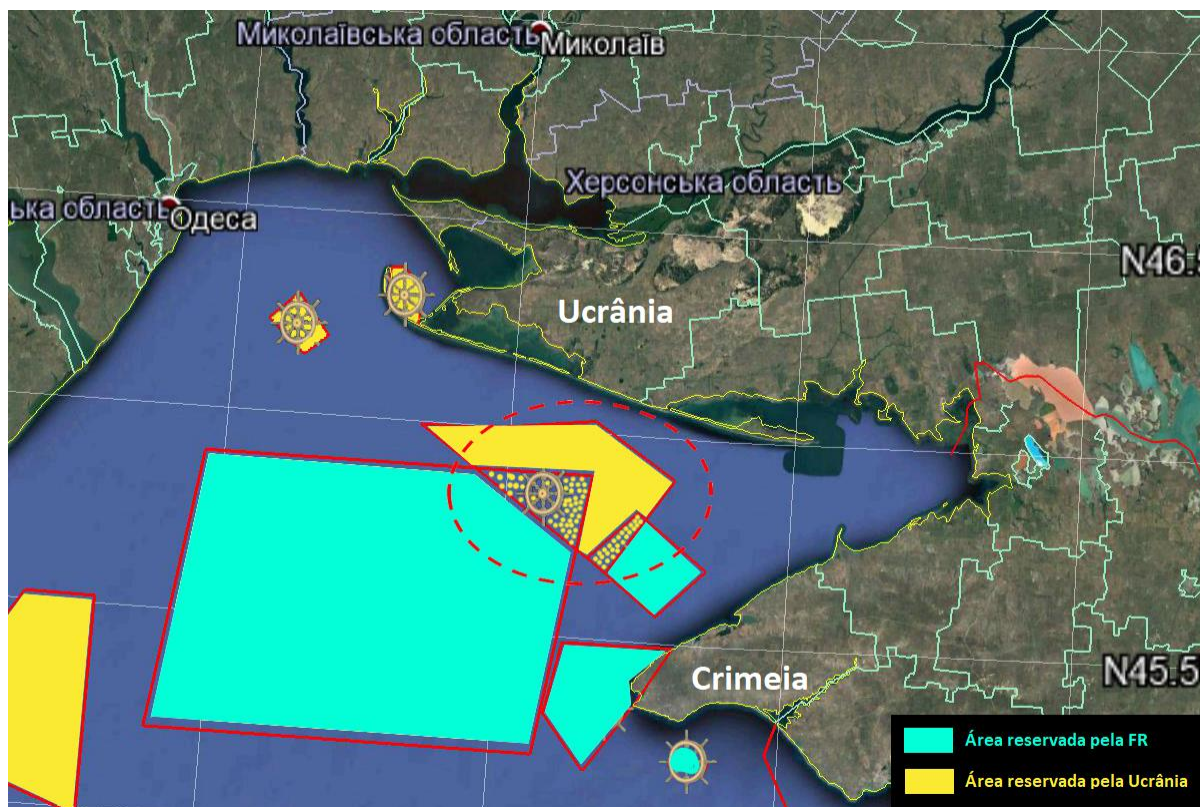


FIGURA 9 – Áreas marítimas interditas pela FR e pela Ucrânia que se sobrepunham, em 21 de fevereiro de 2020.

Fonte: Klymenko, 2020c. (Houve alteração na ilustração, com a inclusão da legenda e o nome dos principais Estados envolvidos).

ANEXO I

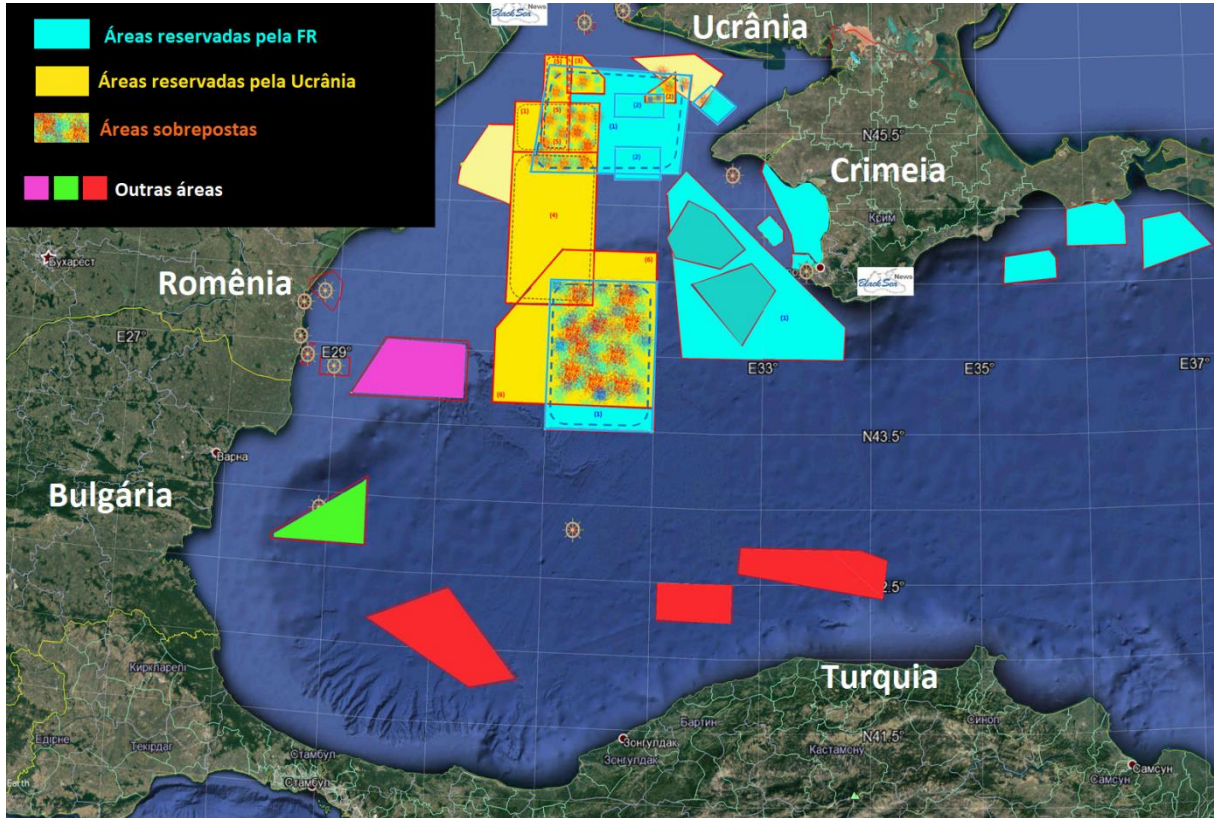


FIGURA 10 – Áreas marítimas reservadas que foram utilizadas na Operação Sea Breeze 2020. Fonte: Klymenko, 2020c. (Houve alteração na ilustração, com a inclusão da legenda e o nome dos principais Estados envolvidos).

ANEXO J



FIGURA 11 – Mapa da navegação do HMS “Defender”, nas proximidades da Crimeia.
Fonte: BBC News, 2021b.

ANEXO K - QUADROS

QUADRO 1

Cronologia de adesões de Estados membros da OTAN

Ano	ADESÃO OFICIAL À OTAN	
	Estados (ordem alfabética)	Membros
1949 (membros fundadores)	Bélgica, Canadá, Dinamarca, Estados Unidos da América, França, Islândia, Itália, Luxemburgo, Noruega, Países Baixos, Portugal e Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte	12
1952	Grécia e Turquia	14
1955	República Federal da Alemanha	15
1982	Espanha	16
1990	Alemanha (unificada)	-
1999	Hungria, República Tcheca e Polônia	19
2004	Bulgária, Eslováquia, Eslovênia, Estônia, Letônia, Lituânia e Romênia	26
2009	Albânia e Croácia	28
2017	Montenegro	29
2020	Macedônia do Norte	30

Fonte: OTAN, [2022b].